

## A DEZEMBRADA E A MARINHA

ARNOLDO HASSELMANN FAIRBAIRN — Vice-Almirante (IM)

*“Esse período, que por si só constitui uma das mais brilhantes páginas da história da presente guerra, nunca há de ser esquecido pelo Brasil e seu Governo.”*

(Trecho da Ordem do Dia do então Marechal Marquês de Caxias sobre a Dezembrada)

### 1. PROPÓSITO

Éste estudo devia ter sido publicado por ocasião da passagem do 1º centenário da Dezembrada. Infelizmente, diversos motivos relevantes não permitiram que fôsse êle terminado a tempo. Perdura, porém, a forte intenção do autor de prestar uma sincera e comovida ho-

menagem aos participantes do glorioso acontecimento.

### 2. SIGNIFICADO DA DEZEMBRADA

Designou-se, assim, o período de 5 a 30 de dezembro de 1868, quando em operações combinadas, no melhor estilo do atual conceito de guerra fluvial integrada, o Exército e a Armada do Império

do Brasil e seus aliados, sob o magistral Comando-em-Chefe do então Marechal Marquês de Caxias, em esmagadora ofensiva, obtiveram magníficas e decisivas vitórias sobre o heróico Exército Paraguai, sob o comando do Ditador Marechal Solano Lopez. Esta marcha ciclópica classificaria como de primeira categoria qualquer grupo humano que a executasse. Foram obtidas, durante o seu curso, excepcionais resultados que permitiram, entre outras vantagens definitivas, a ocupação de Assunção, capital do país, centro nevrálgico da administração paraguaia e o aniquilamento da força regular de Solano Lopes. Posteriormente, em perigosa campanha nas cordilheiras, o caudilho ainda nos ofereceria um duro combate, porém, incontestavelmente, em outro tipo de guerra menos regular, tão nossa conhecida hoje.

A Dezembroada foi um período de grande importância, não só para a campanha de 1865-70, porém, porque representa, como dissemos linhas atrás, uma afirmação das qualidades excepcionais de nosso povo e de seus líderes. Só homens superiores podem realizar as *dezembradas*.

Rememorá-la é um estímulo para todos nós, é verificar que nossos maiores souberam vencer obstáculos aparentemente intransponíveis e que não vacilaram, nos momentos cruciais, em praticar os maiores sacrifícios para que os brasileiros do futuro pudessem gozar os benefícios que hoje desfrutamos.

A Guerra do Paraguai, como muito bem disse Gustavo Barroso, foi o último capítulo da grande marcha heróica das Bandeiras, essa epopéia fundamental da Pátria Brasileira.

O Brasil como hoje existe, Nação livre, íntegra e soberana, não pode olvidar seu passado. Recordar a nossa História, exaltar os nossos heróis, reverenciar as grandes manifestações de nosso grupo nacional, é um dever elementar de gratidão e uma medida primária de segurança. Nunca precisamos tanto do exemplo de nossos gloriosos antepassados como agora. O Brasil atual não surgiu por acaso, não foi presente de ONUS

e OEAs, custou muito sacrifício, muitas lágrimas, muito sangue derramado.

Saibamos honrar, não os esquecendo, nossos momentos gloriosos.

### 3. SITUAÇÃO DA GUERRA, QUANDO CAXIAS ASSUMIU O COMANDO EM 19 DE NOVEMBRO DE 1866

#### 3.1 — *Impossibilidade de um Ataque Frontal a Humaitá*

A opinião pública, no Brasil, considerava inicialmente, a campanha do Paraguai como devendo ser de curta duração. Havia mesmo a esperança generalizada de acabar a guerra em três meses.

A estagnação das operações depois das brilhantes vitórias de Riachuelo e Uruguaiana, que puseram fim à ofensiva paraguaia ao solo da Pátria, produziu dolorosa surpresa, especialmente se considerarmos o desastroso desfecho do ataque a Curupaiti, desarticuladamente realizado pelos aliados sob o Comando-em-Chefe do General Bartolomeu Mitre, em 23 de setembro de 1866.

Assim, quando cerca de cinco meses antes, em 16 de abril de 1866, os aliados desembarcaram no território inimigo, perto da confluência do Paraná com o Paraguai, em Passo da Pátria, tinham forte intenção de marchar diretamente contra Humaitá, que distava apenas 22 km desse ponto de desembarque. Para tal procuraram concentrar todos os seus elementos na margem direita do Paraná e ganhar terreno para frente. (Fig. 1 e 2).

Os paraguaios, porém, aproveitando-se, com extrema perícia, da configuração topográfica, defenderam-se com rara bravura, criando aos invasores toda sorte de obstáculos e utilizando um grande poder de fogo. Só em Humaitá, os aliados apossaram-se, posteriormente (25-7-1868) de 188 canhões. Será interessante considerar que os brasileiros dispunham no Exército, em dezembro de 1867, somente 155 canhões, sendo que o número para sítio era verdadeiramente



Feito para esta 2ª Edição à vista do "Trecho de uma carta do arquivo do E.M. do Exército" que vem na 1ª - FRANCISCO RUAS SANTOS-Major

Do SGT MARIO

ridículo. (Vide — Gen. Tasso Fragoso — A Guerra da Tríplice Aliança — 3º Vol., pág. 523).

Outra deficiência flagrante das forças da Tríplice Aliança frente ao Exército Paraguaio, se levarmos em conta a magnífica posição defensiva do famoso quadrilátero que tinha num dos ângulos Humaitá, é a insuficiência numérica para a ocupação da área.

Segundo o Gen. Tasso Fragoso, para investir as trincheiras do quadrilátero seriam necessários cerca de 64 mil homens, supondo apenas 2 homens por metro corrente. Ora, os brasileiros prontos, no momento em que começou o avanço para Tuiú-Cué, cerca de 40 mil, juntos aos argentinos e orientais não chegavam a 50 mil homens. (CTF. 3º Vol., A. G. da T. A., pág. 522).

Os aliados necessitavam também de uma poderosa força terrestre, principalmente de cavalaria, para explorar o interior, garantir a retaguarda, contra os perigos ao norte e oeste.

“Tiveram que tudo aprender no campo de batalha. Aprenderam a cavar trincheiras e a atacar as que os contrários levantavam para lhes entorpecer a marcha.”

Além da deficiência numérica de bôcas-de-fogo, segundo o Gen. Tasso Fragoso, faltava uma eficiente doutrina de tiro para melhor emprêgo da artilharia.

É fácil compreender, assim, a oposição que os Almirantes Tamandaré e Inhaúma, patriôticamente, fizeram ao forçamento prematuro do passo de Humaitá pela Esquadra.

Só restava, pois, ao nosso grande General uma decisão que certamente seria, em nosso século, aprovada por Liddell Hart: cortar as linhas de comunicações de Lopez; só apelar para o assalto como último recurso; não dispor as tropas de maneira ininterrupta; forçar o abandono da praça de Humaitá pela guarnição ameaçada de fome e da falta de outros itens de abastecimento; impor, pelas mesmas razões, a retirada dos demais contingentes do Exército Paraguai da formidável posição do quadrilátero.

*Em linguagem de marinha diríamos:*

*Cortar o T das forças de Lopez, isto é, interromper-lhe as comunicações com as bases logísticas, ou sob esta ameaça obrigá-lo a retirar-se.*

A inteligência superior de Caxias, sua humildade natural e conhecimento profundo da arte da guerra permitiram-lhe assimilar, perfeitamente, a estratégia naval dos grandes espaços oceânicos, tão bem exposta pelo Visconde de Inhaúma na correspondência trocada a respeito do emprêgo da Esquadra nas operações fluviais. Os argumentos do Almirante constituiriam, ainda hoje, uma magnífica aula, que poderia ser dada, com brilho na Escola de Guerra Naval, sobre *Domínio do Mar*, especialmente quanto aos aspectos de uma força detida de fato por contenção, na ilusão de estar bloqueando o inimigo.

### 3.2 — As Vantagens da Vitória de Riachuelo

Entre outras vantagens, por demais conhecidas, a vitória naval de Riachuelo tinha permitido ao Brasil:

a) a utilização completa das grandes vias de navegação marítima, numa época em que muitos dos meios de guerra teriam que ser transportados por mar;

b) a negação absoluta dessa enorme vantagem ao inimigo, com a interrupção completa de todo comércio internacional;

c) a consolidação política de alianças periclitantes com a Argentina e o Uruguai;

d) a derrota completa da Fôrça Expedicionária de Estigarribia, que tendo invadido o Rio Grande do Sul em 10 de junho de 1865, rendeu-se posteriormente em Uruguaiana. A perda desses 10 mil homens para o Paraguai representou um desequilíbrio estratégico da maior importância, numa campanha onde a capacidade de recomplementação era pequena, especialmente para os nossos inimigos. Foi um golpe do qual Lopez jamais se recuperou;

e) o domínio das principais vias de penetração para o interior, de todo o rio Paraná — Paraguai, do rio Paraná e do Uruguai;

f) o domínio de vastos territórios e alagados;

g) o transporte do Exército para a margem direita do Paraná e o estabelecimento da importante base de apoio logístico ao Exército, em Passo da Pátria, neste rio. Tal posição do Exército ameaçava Lopez em toda a margem esquerda do rio Paraguai. Assim, o apoio logístico ao Exército era prestado pela Esquadra, em Passo da Pátria, base no rio Paraná e garantia a base do Exército de Tuiuti, nas proximidades. Esta posição brasileira ameaçava toda posição inimiga na margem esquerda do rio Paraguai;

h) o estabelecimento de uma importante base naval avançada (Fig. 2), na margem direita do rio Paraguai em frente a Humaitá, no Chaco, denomina-



Cópia à VISTA DO ORIGINAL DA 1ª ENÇÃO, PELO 2º SGT CESAR, DESENHISTA DO EME, RIO DE JANEIRO 27/OUT/1958

da Pôrto Elisiário, entre aquela posição e Curupaiti. Esta base de Pôrto Elisiário apoiou os navios que forçaram Curupaiti, mas não passaram logo Humaitá aguardando durante cêrca de 6 meses a ordem definitiva para fazê-lo;

i) o estabelecimento da importante Base Naval de Cerrito, quase na confluência do Paraná com o Paraguai, que dispunha de um poderoso arsenal para reparos;

j) a construção da 1ª estrada de ferro entre Pôrto Quia e a base naval citada de Pôrto Elisiário. Para transporte de todo o abastecimento necessário aos navios apoiados nesta base avançada coube à Marinha a difícil tarefa da construção desta ferrovia.

(Além das estradas de ferro, outra novidade muito importante nessa guerra foi o emprêgo de pequenos encouraçados, chamados monitores, utilizados pela primeira vez na guerra civil norte-americana que findara em 1865, ano do início da do Paraguai.)

A Marinha construiu, ainda, outra pequena estrada de ferro entre S. Nicolau e Betel — na lagoa Verá — e os paraguaios usaram, largamente, a ferrovia entre Assunção e o rio Paraguai.)

### 3.3 — A Decisão de Caxias

Considerando a situação e o problema, Caxias resolveu mudá-la, dando início à guerra de movimento, isto é, partindo para o cêrco de Humaitá, mediante o ataque às linhas de comunicações terrestres e fluviais. Mas o Exército não estava pronto para movimentar-se,

condição essencial para a ofensiva e foi necessário prepará-lo. E isto foi feito com a máxima eficiência. O Cel. Afonso de Carvalho, na biografia que escreveu de Caxias, relata com muita propriedade esta fase.

O Exército Paraguaio estava pois ocupando o quadrilátero que tinha num dos ângulos a fortíssima posição de Humaitá. Dispunha de comunicações fáceis, fluviais, pelo rio Paraguai, inclusive por navios e mantinha-as também por terra, pela margem esquerda, usando a chamada Estrada Real de Assunção. (Fig. 2).

É óbvio que para uma manobra de maior vulto seria necessário que a Esquadra forçasse o passo de Humaitá. Tornava-se, porém, indispensável que, antes, o Exército ocupasse determinadas posições e que, portanto, iniciasse a ofensiva; êste era o ponto de vista, já vitorioso com o apoio de Caxias e intransigentemente defendido contra Mitre pelos Almirantes Tamandaré e Inhaúma.

## 4. INÍCIO DA OFENSIVA BRASILEIRA PARA O CÊRCO DO QUADRILÁTERO DE HUMAITÁ

### 4.1 — A Marcha de Tuiuti para Tuiú-Cué e S. Solano

A intenção de Caxias e Mitre era atacar os paraguaios pela retaguarda da linha de trincheiras Rojas.

Segundo Tasso Fragoso o Exército Imperial tinha os seguintes efetivos no Sul do Paraguai:

	Prontos	Empregados	Doentes
1.º e 3.º Corpos do Exército (Argolo e Osório) .....	21.521		
2.º Corpo do Exército (Pôrto Alegre) .....	10.331	4.118	10.557
Acampados no Chaco (Gurjão) .....	1.098		
Acampados em Aguapeí (Portinho) .....	2.500		
Em Corrientes .....	381		
	35.831	4.118	10.557

Soma: 50.506.

A longa marcha que marcou a ofensiva teve início em 27-7-1867 e percorreu cerca de 40 km. A maior dificuldade a vencer era o conhecimento do terreno. Em 1º de agosto Caxias ocupa a região de Tuiú-Cué e S. Solano, porém esbarra em uma linha contínua de trincheiras que os paraguaios, hábilmente, haviam construído desde o extremo-este da posição de Rojas até Humaitá. Mais uma desilusão. A realidade não correspondia à imaginação dos chefes. Havia a vencer obras defensivas que pareciam tão poderosas como a linha Rojas. (Fig. 2).

O mais grave é que não tinha sido atingida a retaguarda inimiga e, sim, um flanco muito bem defendido.

Assim, segundo o Gen. Tasso Frago:

“A posição de Humaitá compreendia uma dilatada superfície de terreno, limitada por linhas contínuas de trincheiras e, em certos trechos, pelos *carrizais* e pelo rio Paraguai. A cidadela de Humaitá formava o seu extremo-norte e fechava pelo lado de terra as baterias encarregadas de defender o passo do rio na curva em U que lhes ficava frente. A frente terrestre de toda a posição começava em Curupaiti, inletia depois para o sul até a lagoa Chichi, continuava beirando o *carrizal* até Sauce, a seguir volvia para o norte margeando o Estero Bellaco Norte até o Ângulo e daí por Espinillo, ia entroncar-se com as trincheiras da cidadela.

A posição de Humaitá era, pois, uma extensa área de terreno fechada por trincheiras ou por elementos naturais.”

A situação aliada era difícil: Um Corpo de Exército com Pôrto Alegre, em Tuiuti; dois Corpos de Exército (Argolo e Osório) com Caxias em Tuiú-Cué. Era preciso não expor a linha de reabastecimento que partia de Tuiuti e era apoiada pela Esquadra em Passo da Pátria.

À vista do exposto era necessário optar:

a) atacar as fortificações do quadrilátero; ou

b) sitiá-las, cortando-lhes as comunicações.

Já verificamos, anteriormente, as dificuldades intransponíveis para o ataque às fortificações.

Restava, portanto, a última alternativa e Caxias optou pelo cerco. Para realizá-lo, porém, seria necessário a Esquadra forçar o passo de Humaitá, dominar o rio Paraguai, afluentes, lagoas e banhados navegáveis, com seus navios, chatas, chalanas, lanchas e escaleres e estradas de ferro. Para que se tornasse possível essa ação seria indispensável que o Exército com apoio em Passo da Pátria, Tuiuti e Tuiú-Cué, ocupasse uma base avançada, que permitisse o apoio logístico aos navios, isto é, o reabastecimento, os reparos mais urgentes, o apoio de saúde e o recomplementamento do pessoal. Ora, só havia um ponto capaz de realmente permitir que fosse prestado este apoio, era o Tagi, na margem esquerda do rio Paraguai, 15 milhas ao norte de Humaitá. George Thompson, engenheiro militar inglês, a serviço de Lopez e inimigo ferrenho do Brasil, assim informa a respeito dessa posição:

“Subindo o rio, não há, acima de Humaitá, comunicação possível com a terra antes de chegar ao Pilar, por causa do *carrizal*, com a única exceção da barranca chamada do Tagi, 15 milhas acima de Humaitá, onde existe um caminho que conduz às estradas reais do centro. Por isso, Tagi tornou-se um importante ponto estratégico. O *carrizal* entre Humaitá e Tagi é, mais ou menos, da forma de um *rombo*, sendo as perpendiculares de 7 a 4 milhas de comprimento respectivamente. Denomina-se Potrero Obella.

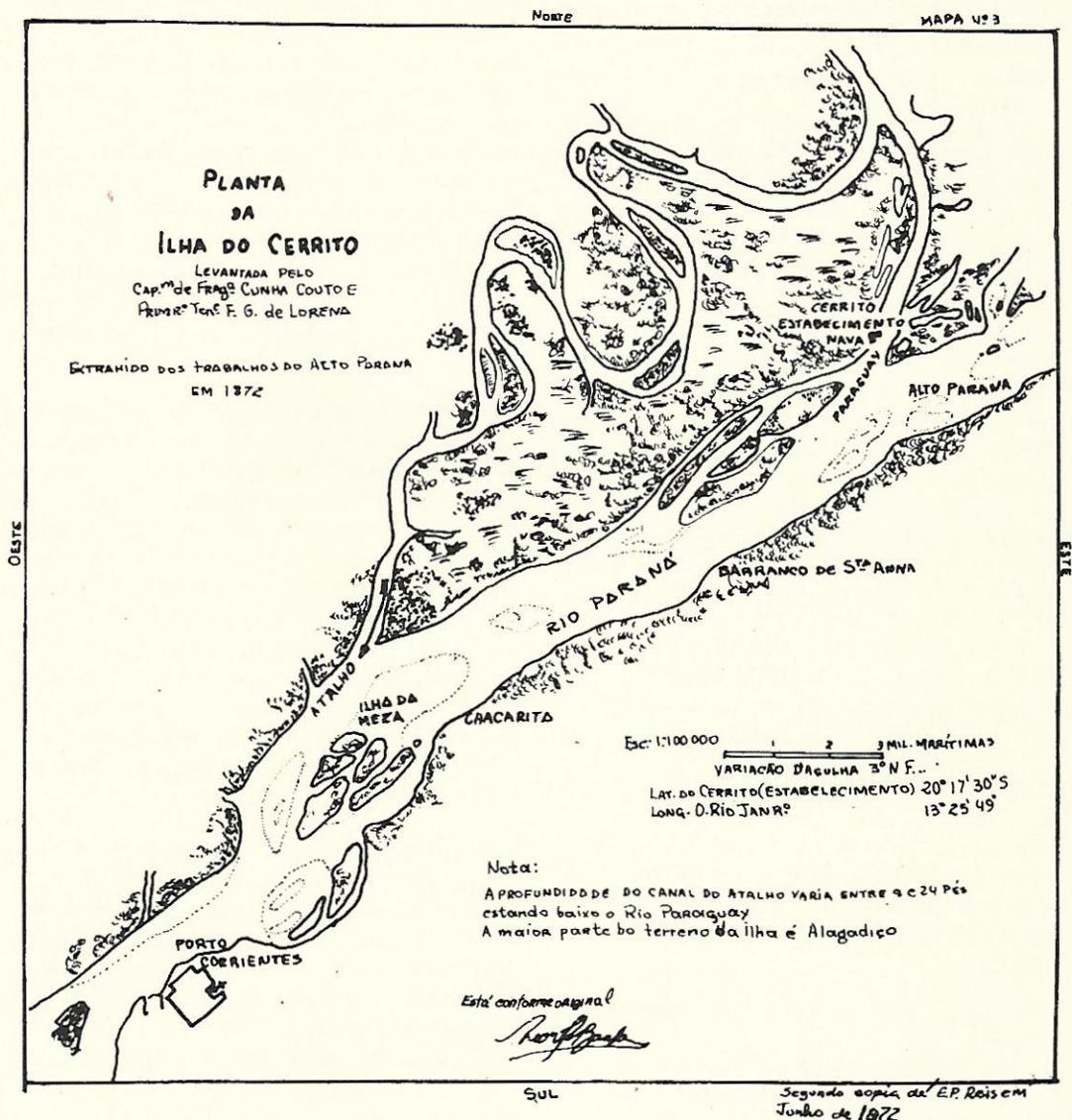
Do lado de terra é completamente fechado por uma selva impenetrável, com uma única abertura, pela qual Lopez introduzia gado em grande quantidade, retirando-o pela extremidade próxima a Humaitá, segundo as necessidades de consumo. Quando o rio está baixo há um caminho ao longo da margem do Tagi a Humaitá, mas é preciso atravessar em canoas o arroio Hondo.”

4.2 — O Exército Amplia o Cêrco,  
Penetra no Potrero Obella, Vai  
Até o Tagi e Vence os Paraguaio  
na 2ª Batalha de Tuiuti

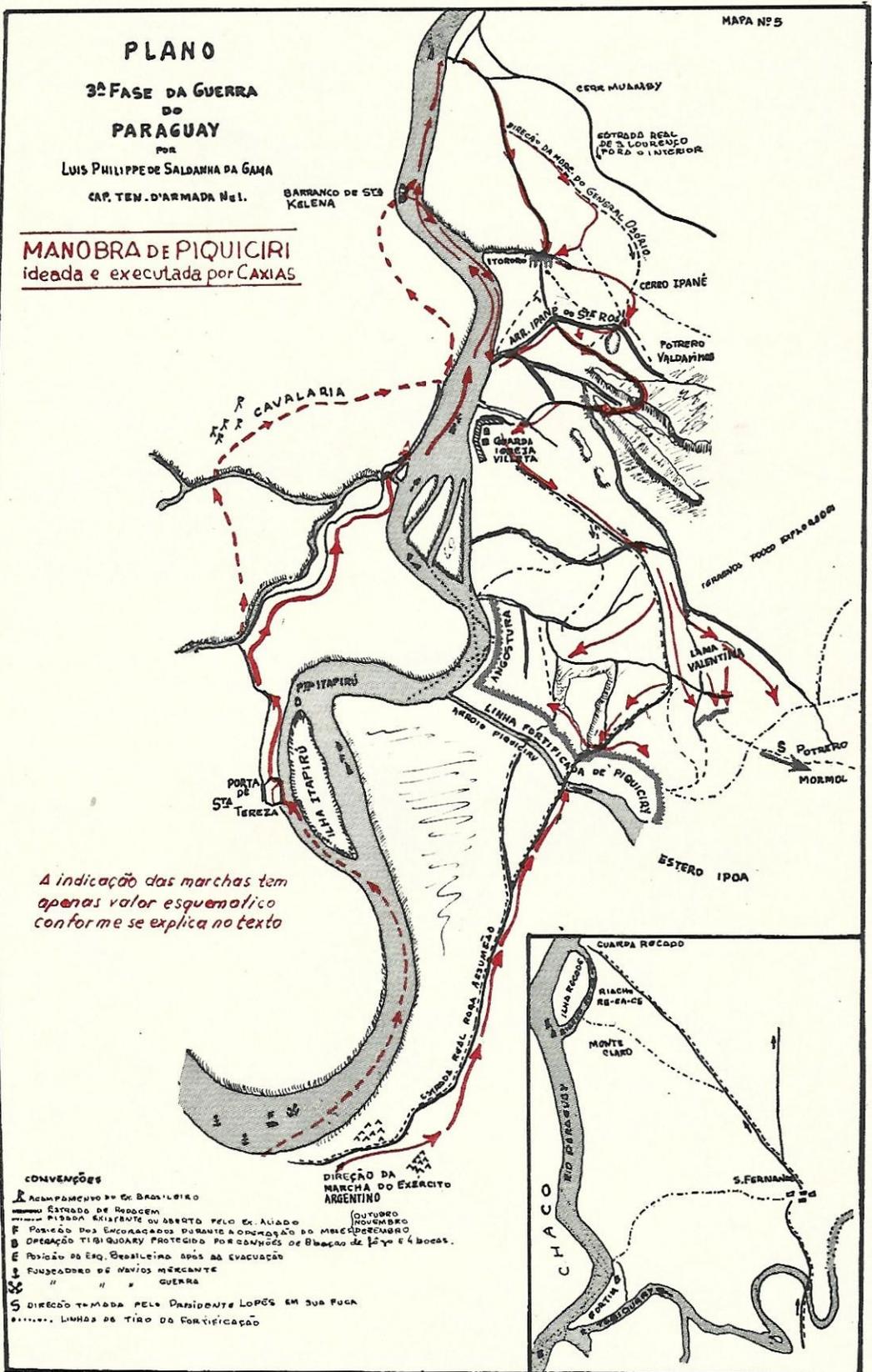
O Exército estendendo muito suas linhas e visando o domínio terrestre da margem esquerda do rio Paraguai, penetra no Potrero Obella, ocupa Paracué, em 3 de outubro de 1867, desfecha, com a cavalaria, terrível golpe na cavalaria paraguaia, em Tataiibá, em 21 de outubro. Caxias determina, então, ao Gen. Manoel Mena Barreto que tome o Tagi, o que foi feito no dia 2 de novembro. A artilharia do Exército afundou, nessa ocasião um dos três navios para-

guaiois, ainda em serviço, o *Olimpo*, com 4 canhões. Foram então passadas cadeias com auxílio de técnicos da Marinha. Para melhor entendimento da situação, será necessário considerar que a interrupção do rio Paraguai no Tagi, dificultava a navegação dos paraguaiois, porém, não a impedia entre esta posição e Humaitá. Restavam navios inimigos entre o Tagi e Humaitá que só deixariam de operar, posteriormente, mediante a ação dos navios de guerra brasileiros.

Lopez, não obstante, recebera um rude golpe, estava cortado pela margem esquerda do rio Paraguai. Teria que fazer passar seu reabastecimento, princi-









palmente gado, da margem esquerda para a direita, acima de Pilar. Dentro em breve a Esquadra lhe cortaria também a navegação no rio. Seria então necessário transportar tudo pelo Chaco, pela margem direita, e abrir estradas em plena mata, em condições precaríssimas.

Resolve Lopez para aliviar a pressão que sofria, realizar um furioso contra-ataque a Tuiuti, em 3 de novembro de 1867, aproveitando a extensão das linhas aliadas, porém, fracassa. Os brasileiros, exemplarmente comandados pelo General Visconde de Pôrto Alegre, travam a segunda batalha de Tuiuti e derrotam o inimigo. Assim, as linhas de comunicações aliadas foram mantidas e as posições recentemente obtidas, consolidadas. Se Lopez tivesse obtido êxito, poderia ter cortado o apoio logístico que a Esquadra prestava ao Exército, por intermédio da base de Passo da Pátria, no rio Paraná e fatalmente obrigaria o abandono das posições de Tuiú-Cué e S. Solano e, naturalmente, o Tagi e Para-Cué. Seria a volta à estaca zero, em condições muito desfavoráveis.

Felizmente, para nossa causa, a 2ª Batalha de Tuiuti foi vencida de maneira brilhante quando o grosso do Exército já estava em Tuiú-Cue.

A vitória deveu-se à extraordinária capacidade de resistência demonstrada por 1 800 brasileiros comandados por um bravo General, o Visconde de Pôrto Alegre, que enfrentaram os 9 000 paraguaios do Gen. Barrios no reduto de Tuiuti.

#### 4.3 — *Reação de Lopez*

Só restava, então, a Lopez restabelecer suas comunicações com o quadrilátero, passando da margem esquerda para a direita do rio Paraguai, no ponto denominado Monte Lindo, quatro milhas ao norte do rio Tebicuari e depois usando a estrada do Chaco. Em 4 de novembro ocupou o Timbó na margem direita do rio Paraguai, cêrca de 30 km acima de Humaitá e mandou abrir uma estrada para Monte Lindo. É fácil verificar que, do Timbó para Humaitá ele poderia usar novamente o rio Paraguai, inclusive ainda dispondo de navios.

O General Brugez iniciou a construção da estrada do Timbó para Monte Lindo, em 5 de novembro de 1867.

Outrossim, tratou de reduzir a linha de defesa de Humaitá, com a retirada de 150 canhões. As trincheiras primitivas que passavam por Chichi, Sauce, Passo Gomez e Ângulo, tornaram-se somente linhas de vigilância. Criou, segundo Thompson, uma nova linha de resistência entre Espinillo e um ponto da lagoa Pires, perto de Curupaiti.

“Traçou-a pela crista da lomba do passo do Pacu. Construíram-se alguns redutos triangulares do Ângulo e, de distância em distância, ao longo da trincheira até Humaitá, a própria trincheira servindo para formar um dos lados. Os redutos triangulares estavam feitos de tal modo que flanqueavam, na medida do possível, a distância que as separava.”

Lopez mandou construir, também, o forte de Cierva, que os brasileiros chamavam de Estabelecimento, na lagoa Cierva. A essa altura o desconhecimento do terreno era muito grande para os invasores, permitindo enganos consideráveis. Assim, julgavam os brasileiros que o Estabelecimento estivesse na baranca do rio Paraguai e fôsse o ponto de onde partiam as cadeias que o atravessavam.

#### 4.4 — *A Esquadra Aperta o Cêrco*

A guerra de movimento teve início em 27-7-1867 com a marcha do Exército para Tuiú-Cué e S. Solano, como vimos anteriormente, e foi seguida do forçamento do passo de Curupaiti, em 15 de agosto do mesmo ano, pelos seguintes navios encouraçados:

#### 3ª DIVISÃO

##### *Divisão Rodrigues da Costa*

(Chefe a bordo do *Bahia*)

*Brasil* (Cap) — Cmt Salgado

*Mariz e Barros* — Cmt Neto de Mendonça

*Tamandaré* — Cmt Elisiário Barbosa

*Colombo* — Cmt Queiroz

*Bahia* — Cmt Pereira dos Santos.

## 1ª DIVISÃO

*Divisão Tórres de Alvim*(Chefe a bordo do *Lima Barros*)*Cabral* — Cmt Jerônimo Gonçalves*Barroso* — Cmt Silveira da Motta*Herval* — Cmt Mamede Simões*Silvado* — Cmt Macedo Coimbra*Lima Barros* — Cmt Garcindo de Sá.O Almirante Inhaúma, no Encouraçado *Brasil*, comandando em Chefe.O *Colombo* e o *Cabral* rebocavam chatas, o *Brasil* levava atracado a contrabordo o Aviso *Lindóia*.Os navios de madeira que ficavam apoiados em Curuzu à jusante de Humaitá, sob o comando do Chefe-de-Divisão Elisiário dos Santos foram os que se seguem: *Beberibe*, *Magé*, *Ipiranga*, *Recife*, *Parnaíba* e *Iguatemi*. Estes navios suspenderam de Curuzu e bombardearam Curupaiti apoiando os encouraçados. As Bombardeiras *Pedro Afonso* e *Forte de Coimbra* também ficaram em Curuzu, porém, atiraram em Curupaiti, do local onde estavam fundeadas; não suspenderam.

Os navios das 1ª e 3ª Divisões passaram a ser apoiados na base avançada de Pôrto Elisiário, na margem direita, porque Curupaiti não caiu. Ficaram eles, assim, entre duas posições inimigas, Curupaiti e Humaitá, situadas na margem esquerda.

As comunicações entre a base de Pôrto Elisiário e Pôrto Quia, inicialmente foram realizadas por terra, em condições muito penosas, pelo Batalhão Naval. Posteriormente, foi construída pela Marinha uma ferrovia, seguida depois por outra, entre S. Nicolau e Betel, na margem direita do rio Paraguai, na lagoa Verá, como será relatado oportunamente.

Durou esta situação, enquanto Curupaiti resistiu, isto é, de 15 de agosto de 1867 até 21 de março de 1868, cerca de 6 meses. Foi uma das maiores proezas da Marinha de Guerra Brasileira, em todos os tempos, a manutenção desta difícil posição, sofrendo tôda sorte de surpresas e vencendo dificuldades incriveis.

Assim, se refere o Barão de Jaceguai, Comandante do Encouraçado *Barroso*:

“Seis longos meses durou o improbo assédio de Humaitá pela grande Divisão Encouraçada, cortada do resto da Esquadra pelas fortificações destrutíveis de Curupaiti, reduzida para suprir-se de viveres, de combustíveis e de munições a um caminho precário aberto no Chaco, no terreno alagadiço fronteiro àquela posição inimiga. A dificuldade do transporte de carvão necessário para o suprimento de dez navios, que, na posição especial em que se achavam, tinham de conservar-se constantemente com os fogos abafados, obrigava a empregar a marinhagem no árduo serviço de cortar lenha no Chaco, com que se pudesse poupar o precioso combustível mineral. Por todo movimento revezavam-se os navios de mês em mês no pôsto da vanguarda, onde se conservavam à distância de poderem entreter um bombardeio lento mas continuo sôbre a grande praça inimiga. Com peças raiadas de pequeno calibre, ocultas na mata que orlava a margem do rio, logo abaixo da volta de Humaitá, eram os navios da vanguarda continuamente incomodados pelos paraguaios que não perdiam ocasião de alvejar aos grupos de oficiais ou marinheiros que se formavam nas toldas abertas dos encouraçados ou aos escaleres que se dirigiam de uns para os outros navios. O estado sanitário era péssimo, as febres palustres, a disenteria, o beribéri, não escolhiam vítimas entre oficiais e praças de pré. O cólera-morbo, que não havia muito tempo, reinava epidemicamente na Esquadra e no Exército, ainda se manifestava em casos esporádicos, freqüentes a bordo dos nossos navios. Mas, o risco constante de uma morte inglória, as doenças, as privações de todos os gozos e comodidades, a inhabilitabilidade dos encouraçados, sobretudo na estação calmosa naquele clima ardente, nada alterava o bom espírito e a disciplina dos oficiais e marinheiros brasileiros; e, em inteira justiça, é preciso dizer que naquela Esquadra internada no Continente Sul-Americano, a mil milhas do mar, entre duas formidáveis fortalezas inimigas, o pensamento comum era o de não se querer sair daquele limbo infernal por outro meio que não

fôsse o de romper avante o passo de Humaitá.”

Segundo o Capitão-de-Fragata Henrique Batista, diretor de artilharia do Arsenal de Marinha da Côrte, o reabastecimento diário pela Estrada Quiá-Pôrto Elisiário, no Chaco, era o seguinte:

Projetis . . . . .	51 312	libras
Pólvora . . . . .	5 784	”
Viveres . . . . .	4 800	”
Combustível . . .	53 760	”

115 656 ou 52 460 t.

E o pior é que a estrada de ferro, construída com tanto sacrifício pela Marinha, com as enchentes que se seguiram ficara submersa; prestou, contudo, ótimos serviços enquanto pôde ser utilizada.

As estradas no Chaco, quer de rodagem, quer de ferro, tinham êsse destino: atender a determinado propósito e depois desaparecer. Assim, as chalanas passaram a fazer o transporte, navegando sobre os antigos acampamentos.

Um acontecimento trouxe muita alegria aos marinheiros que, tão longe do seu elemento natural, o oceano, batiam-se denodadamente: a chegada a Curuzu em 21 de dezembro de 1867, do primeiro monitor construído no Arsenal de Marinha da Côrte, o *Pará*, obra-prima da construção naval brasileira. A satisfação ainda foi maior porque foi avisado que dois do mesmo modelo, o *Alagoas* e o *Rio Grande* já estavam a caminho e outros da mesma série, o *Piauí*, o *Ceará* e o *Santa Catarina*, viriam breve, logo que terminados.

A respeito desses magníficos navios fluviais o Barão de Jaceguai fez as seguintes considerações:

“Para aquêles que tinham a dura experiência de quatro anos de guerra de rios, os monitores desenhados pelo arquiteto naval brasileiro Sr. Napoleão Level e construídos sob sua direção na Capital do Império, com a colaboração do engenheiro de máquinas, Carlos Brannonot, e do diretor de artilharia, Capitão-Tenente H. A. Batista, reuniram realmente tôdas as condições táticas para neutralizarem as dificuldades na-

turais e artificiais do passo de Humaitá: reduzido alvo do casco que emergia apenas um pé da linha-d'água; integridade do couraçamento das obras vivas, pequeno calado, engenhosa disposição do canhão de grosso calibre, que montava em torre central de forma elíptica, reduzida ao mínimo a área do orifício por onde a peça entrava em bateria, finalmente excelentes qualidades evolutivas asseguradas pelo emprêgo do motor de dupla hélice. Nos primeiros dias de fevereiro, o *Alagoas* e o *Rio Grande* incorporaram-se à Esquadra de Madeira, em Curuzu. O alvoroço causado pela chegada dessas aperfeiçoadas máquinas de guerra aumentou com a coincidência de uma extraordinária enchente do rio Paraguai.”

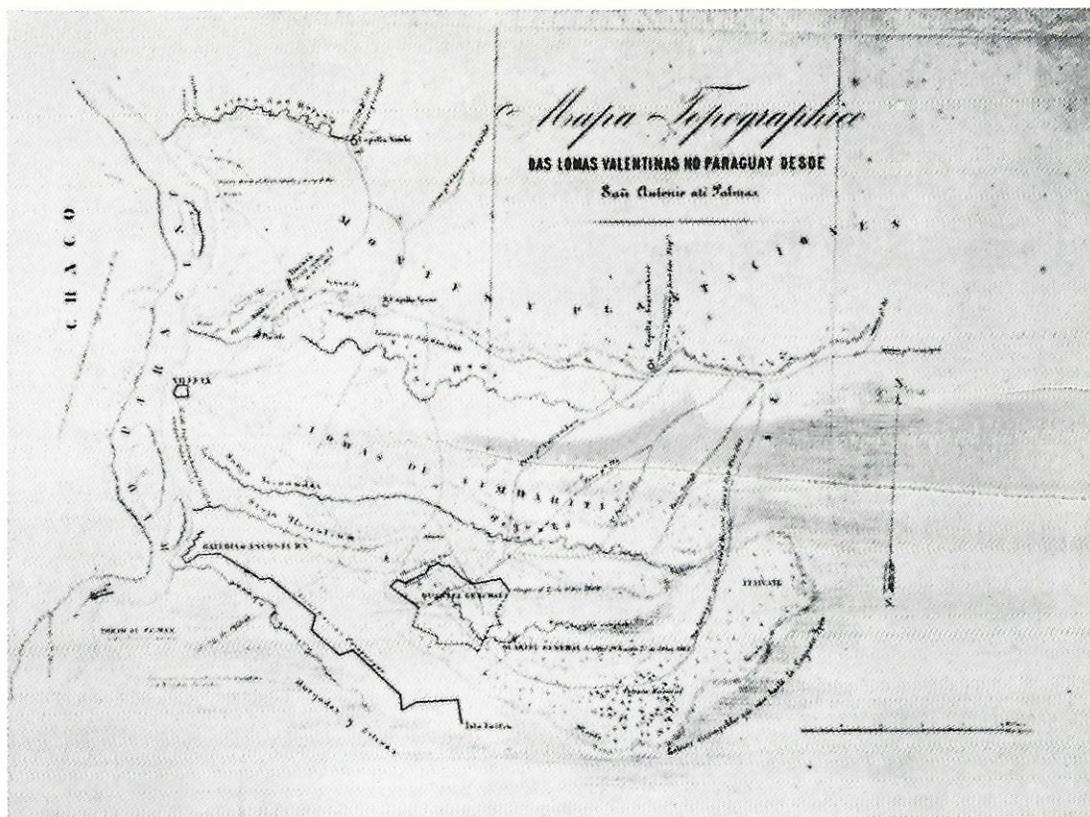
Um detalhe muito importante sobre os navios que estiveram entre Curupaiti e Humaitá é que, durante três meses, êles fizeram fogo sobre os suportes das pesadas cadeias que atravessavam o rio no passo.

Três pontões e muitas canoas foram atingidos. O rio tinha seiscentos e quarenta metros naquele ponto e sem apoio intermediário era impossível tesar as cadeias convenientemente.

#### 4.5 — Síntese da Situação Pouco Antes da 1ª Passagem de Humaitá pela Divisão Avançada da Esquadra

Verificamos, que não foi possível atacar as forças paraguaias no quadrilátero pela retaguarda, assim como, que o ataque frontal dos aliados teria sido um suicídio. Lopez tinha restabelecido o reabastecimento das forças no quadrilátero, mediante uma redução das linhas de trincheiras e a abertura de estradas no Chaco, isto é, de Monte Lindo, a montante do Tagi, para Timbó a jusante desta posição. Passava da margem esquerda para a direita do Paraguai e depois utilizava êste rio e a lagoa Verá para abastecer suas forças na margem esquerda.

A guerra eternizava-se e a opinião pública no Brasil exigia o seu fim. Caxias, destarte, decessitava deslocar o Exército Paraguai de suas magníficas posições defensivas, no famoso quadri-



lâtero. Tinha deficiência de homens e de artilharia, principalmente de sítio. Para tal, então, só havia uma saída: ameaçar, com o isolamento, as forças inimigas na área de Humaitá. Elas estavam cortadas por terra, na margem esquerda do Paraguai e interrompidas no Tagi pela ação do Exército; agora, tornava-se imprescindível impedi-las entre esta base avançada e o quadrilátero. Chegara a hora exata de os navios da Divisão Avançada da Esquadra forçarem o passo de Humaitá e enfrentarem a situação na área acima desta posição.

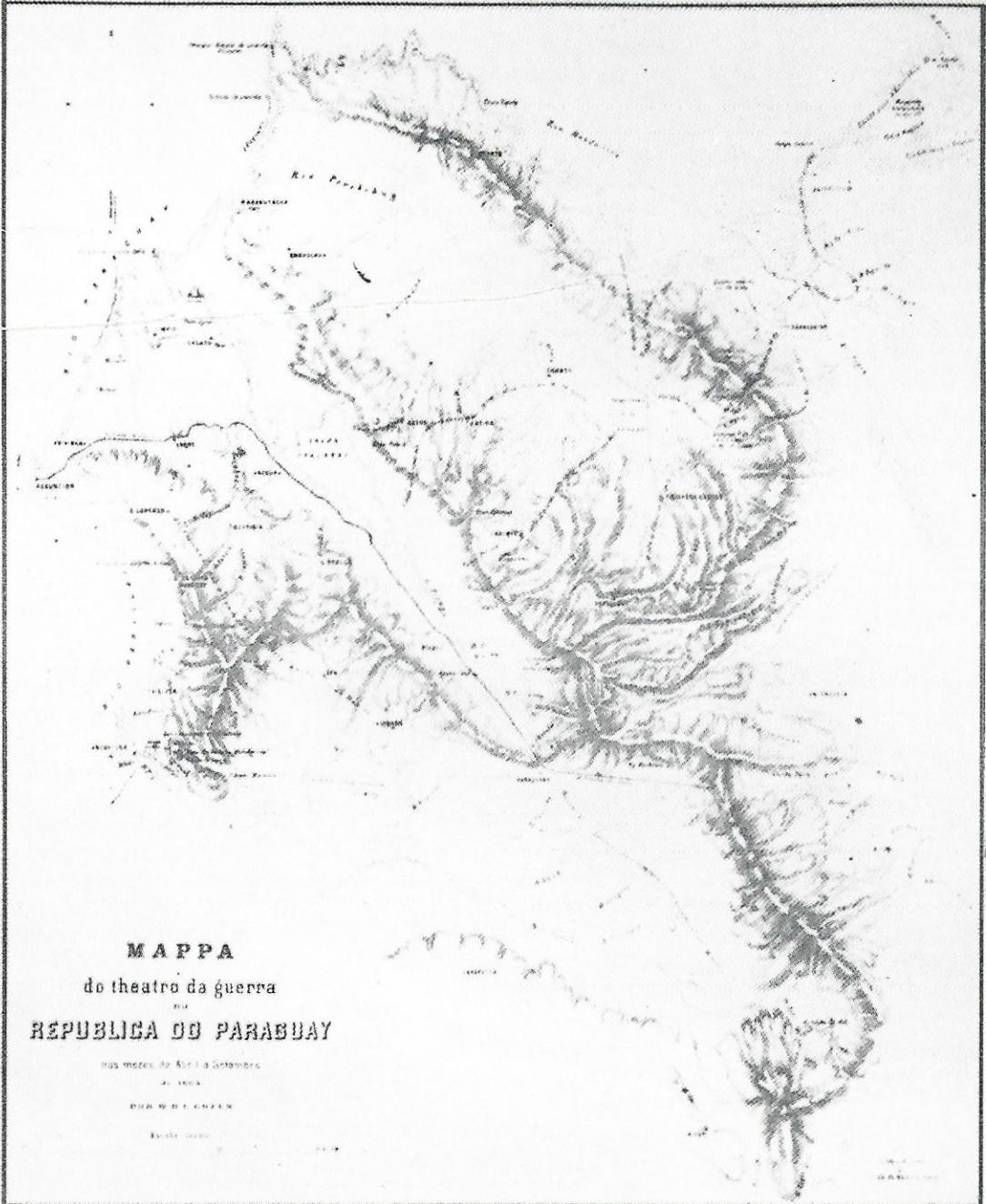
Só uma alta mobilidade do conjugado Marinha-Exército, dispondo de um *Comando Excepcional*, perfeitamente integrado, poderia dominar como o fez, as comunicações fluviais lacustres e terrestres e ameaçar de completo isolamento o inimigo, obrigando-o a retirar-se do formidável quadrilátero, tão bem defendido de Humaitá.

Caso contrário, Lopez poderia ter continuado a guerra por muito tempo ainda, inclusive dispondo de navios artilhados, onde os brasileiros não os possuíam, isto é, acima de Humaitá e abaixo do Tagi. É claro que estaria, nestas condições, aberto o caminho para negociação de uma paz desonrosa que, de maneira alguma, convinha ao Brasil.

## 5. A PRIMEIRA PASSAGEM DE HUMAITÁ E SUAS CONSEQUÊNCIAS

### 5.1 — Segunda Passagem de Curupaiti

Como verificamos, desde 15 de agosto de 1867, já se encontravam entre Curupaiti e Humaitá, dez navios encouraçados brasileiros. Seis meses depois, em 13 de fevereiro de 1868, novo e sensacional forçamento de Curupaiti foi realizado



pelos monitores recém-chegados do Rio de Janeiro, e que estavam em Curuzu:

*Alagoas* — Comandante, Cordovil Mauriti;

*Pará* — Comandante, Custódio de Mello;

*Rio Grande* — Comandante, Antônio Joaquim.

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho comandou essa pequena força na passagem, tendo sido para isso enviado a Curuzu pelo Almirante Inhaúma.

As couraças nacionais enfrentavam galhardamente os 20 ou mais canhões de Curupaiti. A passagem foi realizada, sem maiores conseqüências. (Fig. 2).

#### 5.2 — *Constituição da 3ª Divisão, Chamada Avançada*

A missão de forçamento do passo de Humaitá foi atribuída pelo Almirante Inhaúma aos seguintes navios que passaram a constituir, a partir do dia 16 de fevereiro de 1868, a 3ª Divisão da Esquadra ou Divisão Avançada, tendo como Comandante o CMG Delfim Carlos de Carvalho:

*Enc. Barroso* — Cmt, CT Artur Silveira da Mota (depois Barão de Jaceguai);

*Enc. Bahia* — Cmt, CF Guilherme José Pereira dos Santos, com o pavilhão do Cmt da Força; Delfim Carlos de Carvalho (depois Barão da Passagem);

*Enc. Tamandaré* — Cmt, CT Augusto César Pires de Miranda;

*Monitores Alagoas, Pará e Rio Grande* — Sob os mesmos comandos da recente passagem de Curupaiti, no dia 13 de fevereiro.

#### 5.3 — *Últimos Preparativos para o Forçamento de Humaitá*

No dia 17 de fevereiro de 1868, o Almirante Inhaúma participa ao Marechal Caxias que as águas estavam baixando, até o momento, uma polegada. Havia necessidade urgente de precipitar os acontecimentos e opinou pelo dia 19

de fevereiro de 1868, entre 2 e 3 horas da madrugada. Caxias aprovou imediatamente a proposta aceitando até o dia seguinte, dezoito, caso fôsse isso possível.

*Para a operação da passagem, Caxias determinou que as tropas do Exército no Chaco, sob o comando do General Gurjão, passassem momentaneamente para o comando do Almirante Inhaúma.*

O apoio aos navios e demais preparativos foram feitos na base naval de Pôrto Elisiário que, segundo Jaceguai, estava situada a seis quilômetros acima de Curupaiti e a dez abaixo de Humaitá, na margem direita do rio Paraguai.

#### 5.4 — *Passagem Heróica*

Caxias simulou, para facilitar a passagem de Humaitá, um ataque de grande envergadura ao passo Pacu, para distrair a atenção do inimigo. Na realidade assumiu o comando de um destacamento para tomar o forte do Estabelecimento. Posteriormente, marchou para o Tagi.

Finalmente, a Marinha de Guerra do Brasil, na gloriosa madrugada de 19 de fevereiro de 1868, forçou heróicamente o passo de Humaitá. A façanha, considerada impossível, foi realizada. Vitória não só da bravura e da competência dos chefes, oficiais e marinheiros brasileiros que tiveram o privilégio e a honra de formar a vanguarda, porém, também de uma elevada técnica de apoio logístico, de nossa engenharia naval que se colocou, elevando a Marinha do Império entre as primeiras do Mundo, produzindo técnicos como Napoleão Level, Carlos Braconnot, Henrique Batista. Foi a vitória do povo unido na retaguarda liderada pelo seu grande Imperador que forneceu os meios, que forjou as armas para a grande, a fantástica vitória. Foi a glória de um jovem Ministro da Marinha de 27 anos, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto; foi o coroamento dos esforços daqueles que nos arsenais e na administração, anônimamente, trabalharam na retaguarda. Foi, também, a vitória da iniciativa par-

particular do Barão de Mauá, com seus notáveis estabelecimentos siderúrgicos, e outros expoentes da indústria nacional da época, assim como, do esforço feito na esfera estatal, no Arsenal de Guerra que prestou ótima colaboração na parte de armamento e na Fazenda de Ipanema, em São Paulo, onde era forjado o ferro gusa necessário à construção dos navios e demais equipamentos.

Na mesma ocasião Caxias tomou o forte do Estabelecimento, depois de um sangrento combate e, como já foi dito, marchou, em seguida, para o Tagi.

Em virtude de ter sido o assunto amplamente tratado, inclusive nesta Revista, por ocasião da comemoração do 1º centenário do memorável feito, deixamos agora de abordar o grande acontecimento, em seus detalhes, com o destaque merecido.

Nunca, porém, será demasiado lembrar os nomes gloriosos dos heróis da Passagem e seus navios, porque estamos, também, homenageando a todos aqueles que tiveram a honra de participar de uma ocorrência memorável que estremeceu o Mundo:

Comandante-em-Chefe da Esquadra,  
Almirante, então Barão de Inhaúma;

Chefe da Fôrça, Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho,  
futuro Barão da Passagem;

Encouraçado *Bahia*, Comandante: CF  
Guilherme José Pereira dos Santos,  
com o pavilhão do Chefe da Fôrça;

Encouraçado *Barroso*, Comandante:  
CT Artur Silveira da Mota (depois  
Barão de Jaceguai);

Encouraçado *Tamandaré*, Comandan-  
te: CT Augusto César Pires de Mi-  
randa;

Monitor *Alagoas*, Comandante: 1º Tenente  
Joaquim Antônio Cordovil  
Mauriti;

Monitor *Pará*, Comandante: 1º Tenente  
José Custódio de Mello;

Monitor *Rio Grande*, Comandante: 1º  
Tenente Antônio Joaquim.

## 5.5 — As Grandes Surpresas e Como Elas Foram Enfrentadas

Como já tiveram ocasião de comentar, uma das maiores dificuldades encontradas pelos brasileiros no Sul do Paraguai, foi o desconhecimento do terreno.

Várias surpresas verificaram-se com a Passagem. Podemos enumerar:

1ª) O forte do Estabelecimento não ficava na barranca esquerda do rio Paraguai e, sim, na lagoa Cierva, distante, portanto daquele local;

2ª) Os navios brasileiros que tomaram Humaitá, não tinham notícia da fortaleza do Timbó e foram surpreendidos por esta posição fortificada que abriu fogo sobre eles. Assim, a passagem do dia 19 de fevereiro pode ser considerada como tendo sido, Humaitá-Timbó;

3ª) Os navios de guerra paraguaios Jacuari e Iguaré que se sabia, estavam entre o Tagi e Humaitá, não foram encontrados. Onde estavam eles?;

4ª) Conforme Tamandaré e Inhaúma tinham previsto, contrariando opinião de Mitre que afirmara o contrário, a presença de navios de guerra brasileiros em frente a Assunção e o bombardeio desta capital pelos mesmos, não importou em rendição, pelo contrário, criou condições para o desenvolvimento de um mais acirrado espírito de defesa da praça. Para muitos, porém, que não os experimentados chefes marinheiros, a resistência foi uma dolorosa decepção e foram surpreendidos com a reação desesperada dos paraguaios. Para evitar esta surpresa, as medidas de segurança tomadas por Caxias e Inhaúma, preparando a base do Tagi e assegurando o apoio logístico aos navios, salvaram os três avariados na passagem Humaitá-Timbó, que necessitavam carenar, e permitiram a operação dos navios prontos.

## 5.6 — As Conseqüências

a) A passagem não motivou a queda imediata das praças de Curupaiti, Humaitá, Timbó e Assunção e outras posições fortificadas, porém, as condenou à

morte e impôs, e isto é muito importante, a retirada do Exército Paraguai, do quadrilátero fortificado de Humaitá, onde Lopez se encontrava em posição defensiva capaz de enfrentar os brasileiros e seus aliados, com vantagem, como o vinha até então fazendo;

b) Assim, Lopez, depois da façanha da Esquadra Brasileira de 19 de fevereiro de 1868, convenceu-se da necessidade de retirar-se do quadrilátero de Humaitá com seu Exército, para uma posição acima de Pilar. Não o fez, porém, imediatamente; foi aos poucos encurtando as suas linhas e manteve Humaitá, enquanto pôde;

c) A passagem de Humaitá permitiu que Caxias iniciasse o cerco desta praça pela margem direita do rio Paraguai, no Chaco, realizando uma brilhante operação combinada de desembarque na região do Andai, em Juasii, isto é, os navios que passaram Humaitá transportaram a tropa de desembarque do Coronel João do Rêgo Barros Falcão, com toda segurança, acima de Humaitá, da margem esquerda para a direita do rio. Esta tropa desembarcou à viva força e recebeu um eficiente apoio de fogo dos navios que a transportaram. Foi uma operação muito bem planejada que demonstrou a capacidade de ação de nossas Forças Armadas da época. Este acontecimento é importante porque, até então, na margem direita do rio Paraguai as forças brasileiras, abaixo de Humaitá, estavam paralisadas e, as situadas na margem esquerda não tinham conseguido desembarcar na direita e progredir, quer para cortar as comunicações inimigas, penetrando no interior, quer marchando rumo ao sul, para uma junção com as forças amigas. É fácil entender que uma sucessão de lagoas, pântanos e, até mesmo, zonas de terra firme, verdadeiras ilhas e penínsulas, assim como matas alagadas, muito contribuíram para essa difícil situação, bem característica de um extenso e complexo *Teatro Fluvial de Operações*, onde não raro o rio Paraguai, longe de ser simplesmente uma calha principal, transbordava transformando-se em vasto mar interior erigido de árvores e outros obstáculos;

d) *A 3ª Passagem de Curupaiti e a queda desta posição.*

O enfraquecimento da artilharia da posição de Curupaiti ficou evidente com a 3ª passagem realizada em 3 de março de 1868, pelos navios de madeira *Beberibe* (CT Coelho Neto) e *Magé* (CF Inácio José da Fonseca Costa), ambos sob o comando do CMG Afonso de Lima. Visou esta passagem reforçar os navios situados entre Curupaiti e Humaitá, que tinham na véspera, em 2 de março, sido abordados pelos paraguaios. Nesta abordagem morreu heróicamente o CMG Rodrigues da Costa. A passagem em lide motivou somente feridos, tendo o *Magé*, apenas, recebido 3 impactos sem maiores conseqüências.

A queda de Curupaiti, finalmente, verificou-se em 21 de março de 1868.

e) *O apoio logístico aos navios da 3ª Divisão da Esquadra, que passaram Humaitá em 19 de fevereiro de 1868 e a situação dos que ficaram entre Curupaiti e esta posição.*

Não tendo caído com o forçamento do Passo a posição de Humaitá e de mais a mais, com a surpresa de Timbó e tendo sido mantida, embora enfraquecida até 30 de março de 1868, pelos paraguaios a praça de Curupaiti, o apoio logístico e, especialmente, seu componente funcional o abastecimento prestado aos navios acima de Curupaiti, tornou-se muito mais difícil.

Os navios entre Curupaiti e Humaitá, continuaram a ser apoiados pela Base Avançada do Porto Elisiário ligada ao Quia por terra, porém, ameaçada esta rota de alagamento. Curupaiti só caiu, em 21 de março de 1868, cerca de um mês depois do forçamento de Humaitá o que melhorou bastante a situação.

Os navios da Divisão Avançada que forçaram Humaitá, isto é, os situados acima desta praça, passaram a ser apoiados pela Base Avançada de Tagi, na margem esquerda do rio Paraguai, ligada ao Passo da Pátria, no rio Paraná, mediante os transportes terrestres realizados e garantidos pelo Exército, em carrêta, a *formiga*, para empregar expressão do Barão de Jaceguai.

Passo da Pátria, Tuiuti, Tuiú-Cué, S. Solano, Para-Cué e Tagi, asseguravam a rota indispensável de apoio aos navios, estes, por sua vez, davam a necessária cobertura às forças de terra, principalmente de transporte pelo rio, acima do Humaitá, e efficientíssimo apoio de fogo quando necessário, além de esclarecimentos preciosos do terreno ainda inexplorado. Os monitores passaram a atuar como verdadeiros *carros blindados* flutuantes, desempenhando importante papel nas operações anfíbias. É preciso notar, que Humaitá só foi abandonada em 25 de julho de 1868, cinco meses e dez dias depois da primeira passagem e quatro dias depois da segunda, realizada a vinte e um de julho seguinte. Timbó só caiu em vinte e dois de agosto do mesmo ano e Angustura, finalmente, em trinta de dezembro. Laureles é que caiu logo em seguida, em vinte e sete de fevereiro de 1868, oito dias depois da primeira passagem de Humaitá.

Do folheto *A Esquadra e a Oposição Parlamentar*, de autoria do Visconde de Ouro Preto, Ministro da Marinha na ocasião, transcreve-se o seguinte, relativo ao abastecimento dos navios acima de Humaitá:

“Era preciso tudo levar em carrêtas, desde Passo da Pátria até o Tagi, quase quinze léguas (90 km).

Empregar continuamente uma grande força para escoltar os comboios, correr o risco das explosões, das avarias, etc., etc. E lutava-se com um outro embaraço: a falta de carrêtas. A divisão (seis navios) consome diariamente cêrca de dezesseis toneladas de combustível. Uma carrêta puxada por quatro animais pode conduzir o pêso de 2 350 libras ou pouco mais de uma tonelada. Eram, portanto, necessárias dezesseis carrêtas e sessenta e quatro unidades só para o transporte do combustível indispensável para um dia. Nem se diga que a lenha poderia substituir o carvão. Está reconhecido que a guarnição de um vapor, empregada por espaço de oito horas sucessivas no corte de lenha obtém o suficiente para o que se gasta em duas horas. Essa lenha verde (que não levanta vapor sem misturar-lhe algum carvão), para ser acomodada, substituiria o carvão, atravancando a artilharia.

Seria preciso ir cortá-la nas margens ocupadas pelo inimigo, com grande risco, e combatendo-se muitas vêzes. Nem era plausível distrair diariamente as guarnições para tal serviço nem elas tinham forças físicas para resistirem a trabalhos tão penosos e aturados.”

f) *A descoberta e o afundamento dos navios paraguaios.*

Logo em seguida à primeira passagem de Humaitá, os três navios não avariados, o *Encouraçado Barroso*, o *Encouraçado Bahia* e o *Monitor Pará* receberam ordem de subir o rio Paraguai até Assunção. No dia 22 de março de 1868 a capital paraguaia mudou-se para Luque. A vinte e quatro chegaram os navios brasileiros a Assunção e bombardearam diversos pontos desta cidade. Durante todo o percurso desde a passagem de Humaitá até a capital, não encontraram vestígios dos navios de guerra paraguaios, *Igureí* e *Taquari*.

Só posteriormente, em 23 de março de 1868, portanto, mais de um mês depois do primeiro forçamento do passo de Humaitá e dois dias após a queda de Curupaiti, foram os dois navios inimigos localizados, perseguidos e postos a pique, na lagoa Cierva onde se haviam refugiado. O *Rio Grande* afundou o *Igureí* e o *Bahia*, o *Taquari*. Cortaram, também, êsses navios brasileiros, os fios telegráficos entre Humaitá e o Timbó.

#### 5.7 — *Consolidação da Posição Aliada na Margem Direita do Rio Paraguai*

Um poderoso contingente brasileiro comandado pelo Coronel João do Rêgo Barros Falcão, o herói do Chaco, foi como já dito, desembarcado em 30 de março de 1868 na margem direita do rio Paraguai, acima de Humaitá, na região do Andai, em Jasií, visando fazer a junção com as forças aliadas que se encontravam no sul. Tal medida visava, além de cortar as comunicações paraguaias pelo Chaco, facilitar o abastecimento da *Divisão Avançada da Esquadra* pela lagoa Verá. Posteriormente uma nova estrada de ferro, então S. Nicolau e o Betel (3 km) foi construída pela Marinha, para facilitar o transporte do abastecimento da margem direita do rio Paraguai à Lagoa Verá.

Muito lutou o Coronel Barros Falcão para manter a posição na margem direita, na região do Andaf. Grandes reforços foram enviados ao Chaco: 1 860 argentinos com 4 peças e 3 500 brasileiros com 12 peças. O ponto extremo de desembarque do lado de Curupaiti, ficava a 40 braças de distância da Divisão estacionada abaixo de Humaitá e acima do riacho D'oro. O fim do mês de abril de 1868 e o mês de maio foram de ataques aliados e contra-ataques paraguaios. Também, por operações combinadas com a Esquadra, manteve o Coronel Barros Falcão a região conquistada. (Fig. 2).

#### 5.8 — Os Paraguaioes Repelem um Assalto Brasileiro, por Terra, a Humaitá

O desembarque da fôrça do Coronel Barros Falcão na margem direita do rio Paraguai, aumentou de muito a necessidade do emprêgo dos navios. Os paraguaioes ainda resistiam em Humaitá e Timbó, se bem que, já tendo retirado com Lopez e, posteriormente, com Resquim e Barrios grande parte de suas fôrças para cima do Pilar.

Contudo, ainda em 16 de julho de 1868, os paraguaioes repeliram, com grandes perdas para os brasileiros, um ataque às trincheiras de Humaitá. Havia, porém, necessidade de apertar o cêrco, especialmente de impedir o tráfego de canoas paraguaioes. Como já foi dito, para fechar a porta de Humaitá do lado do Chaco, havia necessidade de mais navios.

Urgia, também, resolver o problema do entrincheiramento de Lopez nas novas posições em S. Fernando no Tebicuari, e a posição de Timbó. A Esquadra passaria a desempenhar importantíssimo papel tático semelhante às modernas *panzer*.

#### 6. A 2ª PASSAGEM DE HUMAITÁ — CONSEQUÊNCIAS

No dia 21 de julho de 1868, às 04,30 horas, três navios brasileiros — dois encouraçados e um monitor — forçaram, novamente, o Passo de Humaitá, com

pleno sucesso. Foram os seguintes, com os seus bravos comandantes:

Encouraçado *Cabral*, Cmt. Alves Nogueira;

Encouraçado *Silvado*, Cmt. Garcindo de Sá;

Monitor *Pará*, Cmt. Eduardo Wandenkolk.

O *Cabral* investiu na frente sôzinho, seguido do *Silvado* que levava atracado a contrabordo o *Piauí*.

Os três navios enfrentaram com denôdo as baterias de terra e não encontraram dificuldade em transpor as amarras que ainda trancavam o Passo. Os sinais convencionais, constituídos de três foguetes lançados participaram, às 05,30 horas, a passagem incólume da pequena fôrça.

O *Lima Barros*, o *Brasil*, o *Mariz e Barros*, o *Herval* e o *Colombo* tomaram posição pouco abaixo de Humaitá, constituindo a 2ª Divisão da Esquadra, comandada pelo Chefe de Divisão, Torres e Alvim. Estes navios deram o apoio de fogo necessário, atirando contra as baterias paraguaioes.

A 3ª Divisão chamada *Avançada*, passou a dispor, depois da 2ª passagem de Humaitá, de cinco encouraçados e quatro monitores, considerável refôrço para as operações a realizar. No mesmo dia vinte e um, à tarde, o *Bahia*, o *Silvado* e o *Piauí* subiram o rio Paraguai, com o Barão da Passagem e bombardearam a posição do Timbó. Nos dias seguintes, 22 e 23, grande atividade foi desenvolvida pela Divisão *Avançada*; o *Bahia*, o *Piauí*, o *Silvado* e o *Alagoas* bombardearam as posições paraguaioes de S. Fernando e as da foz do rio Tebicuari. A Divisão *Avançada* penetrou neste rio e depois na lagoa Timbó. (Figs. 4 e 2).

Como já tivemos ocasião de observar, por ocasião da 1ª passagem de Humaitá, esta 2ª caracterizou-se pela perfeição técnica do material empregado, pelo aprimoramento da manobra tática, enfim, pela demonstração de valor profissional dos quadros da Marinha Imperial. Naturalmente que devemos acrescentar a estas raras qualidades as já conhecidas virtudes de chefes, oficiais e praças,

quanto à improvisação em quaisquer circunstâncias e excelsa bravura sempre demonstrada nos momentos necessários.

### *Conseqüências*

Certamente, foi terrível o impacto emocional desta segunda passagem, no ânimo dos derradeiros defensores da cidadela de Humaitá. Basta comparar as datas; em vinte e um de julho, deu-se este segundo forçamento. A vinte e cinco, quatro dias depois, Humaitá estava abandonada. Convém notar que, nove dias antes, no dia dezesseis de julho a guarnição paraguaia repelira com extrema energia o ataque de Osório às suas trincheiras. Alguma coisa muito importante, depois disso, acontecera: sem dúvida, a nova passagem dos navios, tirando qualquer esperança dos defensores da Praça prolongaram por mais tempo a resistência. Fechara-se o cêrco de maneira insuportável.

O plano de fixar uma ampla frente, com o grosso do Exército de Lopez entrincheirado acima do Pilar, mantendo Humaitá e Timbó com pequenas guarnições e a Esquadra Brasileira dividida em dois grupos, estava logrado.

#### 7. A QUEDA DE HUMAITÁ — O APRISIONAMENTO DE PARTE DA GUARNIÇÃO REMANESCENTE

Finalmente, no dia 25 de julho de 1868, a formidável posição foi abandonada. Seus últimos três mil homens a deixaram, precipitadamente.

A forte pressão dos navios e a atuação vigorosa das forças de terra, no dia 16 de julho, provocaram a decisão definitiva dos derradeiros defensores.

Os encouraçados aproximaram-se, o General Câmara penetrou no reduto, seguido por Osório e depois, às 16,30 horas, por Caxias que mandou arriar as bandeiras paraguaias e cortar as amarras que fechavam o rio.

Duzentos canhões, muita pólvora e munições diversas, grande quantidade de fardamento, armas portáteis, brancas

e de fogo, oficinas especializadas e alimentos para trinta dias, demonstraram que a saída foi imposta pelos acontecimentos.

As lutas continuaram para o aprisionamento dos últimos combatentes até 5 de agosto de 1868. Mais uma vez, os navios e seus escaleres desempenharam importante papel. Nos combates da Lagoa Verá, 1 374 homens foram aprisionados, porém, cêrca de 1 700 dos remanescentes conseguiram escapar para reforçar as novas posições paraguaias acima do Pilar. (Fig. 2).

#### 8. A RETIRADA DESDE O DIA 3 DE MARÇO DE 1868 E AS NOVAS POSIÇÕES DO EXÉRCITO DE LOPEZ, DE HUMAITÁ AO PIQUISSIRI

##### 8.1 — *Cêrco e Novas Posições. Os Combatentes*

É preciso não confundir as operações específicas do cêrco de Humaitá, com as atividades do Exército e da Armada relativas às novas posições que, a partir de 3 de março de 1868, as forças de Lopez passaram a ocupar. Há muitos pontos de contato mas não são os mesmos, especialmente quanto aos navios.

É inegável que Caxias não desejava perseguir com maiores forças o Exército de Lopez, deixando na retaguarda um formidável baluarte, como Humaitá, nas mãos do inimigo. Esta posição, por sua vez, dividia a Esquadra Imperial em duas partes. Por que não juntá-las? Naturalmente, um maior número de navios acima de Humaitá viria agravar o já difícil problema do apoio logístico; as declarações do Visconde de Ouro Preto e do Barão de Jaceguai são muito claras a respeito. Por outro lado, Lopez, dia a dia, à proporção que o cêrco apertava, tinha que diminuir a guarnição de Humaitá, porque se tornava cada vez mais difícil o reabastecimento desta posição. A verdade é que, quase tôdas as forças paraguaias que operavam no quadrilátero de Humaitá foram retiradas, via lagoas Cierva e Verá, estrada do Chaco e Timbó, comandadas pelo próprio Lopez, por Barrios e Resquim, a partir

de 3 de março de 1868, consequência lógica da primeira passagem em 19 de fevereiro de 1868.

Limitou-se, assim, Caxias, além das operações para a tomada de Humaitá a estabelecer contatos de reconhecimento com as forças de terra e a uma grande atividade com os navios da Divisão Avançada para hostilizar Lopez nas suas posições.

Tudo indica, que Lopez logo se deve ter convencido da impossibilidade de fixar em posição defensiva o seu Exército, na linha do Tebicuari, especialmente, em virtude da extraordinária e eficiente atuação dos navios da Divisão Avançada que inclusive penetraram no próprio rio Tebicuari, bombardeando as posições de retaguarda, destruindo alojamentos e instalações diversas, lançando, enfim, a confusão e o pânico nas linhas inimigas. Assim, a manutenção desta posição, limitar-se-ia ao tempo que fôsse possível manter Humaitá. É claro que o Timbó só tinha qualquer explicação, também, em função de uma Humaitá em poder dos paraguaios. Caindo esta posição, Lopez não se poderia agüentar com o grosso do Exército, no Tebicuari. Para onde iria, então? Enfrentar agora os aliados seria muito difícil. Com o rio Paraguai livre, Caxias deslocou a sua Base de Operações Principal para Humaitá. Poderia dispor, da Esquadra unificada e do grosso do Exército, para lançá-los numa ofensiva fulminante e terminar a guerra, caso a oportunidade aparecesse.

Lopez estava em inferioridade numérica, quanto aos efetivos de infantaria. A cavalaria paraguaia era fraca; os cavalos sem pastos e, portanto, mal alimentados, sem reabastecimento conveniente de forragem. A artilharia era uma arma, para os paraguaios, mais de posição, de defesa, que de movimento. O transporte, portanto, deste equipamento pesadíssimo era quase impossível e a prova foram os canhões abandonados em Humaitá. Sem meios flutuantes adequados em um teatro fluvial, a mobilidade dos paraguaios tornava-se muito deficiente. Em contraste a essa altura da guerra, Caxias dispunha de um conjunto Marinha-Exército formidável. For-

jara-se uma máquina altamente eficiente, um dos melhores complexos guerreiros já surgidos na História mundial. Um grupo de chefes que lutavam desde a mocidade para consolidar uma Pátria, que como muitos jovens tiveram a rara felicidade de tornar independente e tomar parte nas lutas que se seguiram. Foram patriotas que jamais conheceram o sossêgo em suas gloriosas carreiras militares, pois mal terminavam uma campanha iniciavam outra. Exatamente, êsse profundo sentimento de honra patriótica, oriundo do movimento da Independência e mantido vivo na tropa e nos navios por chefes como Caxias, Tamandaré, Osório e Inhaúma, é que foi, incontestavelmente, a alma da vitória brasileira. Foi, outrossim, o grande motivo de mobilização da retaguarda civil do Império. O amor à Pátria existia vivo e palpitante em todos os brasileiros, capaz de inspirar os maiores sacrifícios, quer na retaguarda, quer nos campos de batalha. A imagem dessa Pátria tão querida era como a de uma Mãe comum muito amada, idolatrada mesmo e que estava em tôdas as mentes e em todos os lábios. Algo que está sendo, atualmente, sistemática e diabôlicamente destruído, porque técnica e diabôlicamente destruída vem sendo a própria família brasileira.

Sendo uma Sociedade fundamentada na Família, essa Pátria era, fora de qualquer dúvida, uma Família maior. Hoje, com a destruição constante do grupo familiar, poderemos pensar nos mesmos termos patrióticos?

Êstes grandes chefes conduziram uma oficialidade de extraordinário valor, parte altamente preparada nas escolas militares e nos outros cursos das Forças Armadas do Império, parte oriunda das próprias fileiras e da Guarda Nacional e parte vinda de nosso meio civil, inclusive das escolas superiores, brasileiros de verdadeira vocação guerreira, de carreira ou não, tendo adquirido a preciosa experiência dos campos de batalha. Soldados e marinheiros, assim, tão bem comandados, sempre estiveram à altura das duras provas exigidas e, podemos afirmar, que representaram de maneira magnífica o nosso grande povo brasilei-

ro. A mocidade universitária alistou-se em massa e partiu para o Paraguai. Meninos de dezesseis anos, como o então cadete e futuro General Dionísio de Cerqueira, partiram para os campos de batalha. O movimento de *Voluntários da Pátria* foi algo de decisivo para o sucesso de nossas armas, pois não havendo o serviço militar obrigatório, como no Paraguai, muito difícil teria sido o recrutamento necessário sem o precioso auxílio dessa gloriosa iniciativa de homens livres. Os próprios negros escravos, libertados para que pegassem em armas, portaram-se de maneira magnífica e tornaram-se dignos da admiração e da gratidão eterna do Brasil, contrariando toda expectativa de Lopez.

Caxias providenciara a procura do material mais moderno e as comunicações asseguradas pela Esquadra permitiram que os meios determinados chegassem às forças em operações, oportunamente.

Os combatentes tiveram sua alimentação garantida, enquanto a Marinha pôde acompanhar o Exército. Os cavalos do rio da Prata, dos melhores, com a indispensável forragem, também de superior qualidade, foram fornecidos.

O esforço da retaguarda da Marinha, desencadeou a revolução industrial no Brasil transcendendo o próprio esforço de guerra e projetando-se na paz que se seguiu. Os formidáveis monitores foram construídos em série, como já vimos, no Brasil.

Já por ocasião das operações combinadas que obrigaram o abandono de Humaitá, um alto nível de coordenação entre Marinha e Exército tinha sido obtido. Caxias e Inhaúma entendiam-se de maneira exemplar. Os monitores agiam estreitamente ligados às forças de terra. A Marinha procurava aliviar ao máximo o Exército, tudo transportando. A tropa que marchava por terra e que em algumas ocasiões nadava nos rios, lagoas e alagados, tinha todo seu equipamento transportado pelos navios, chatas, chalanas, escaleres e lanchas. Os soldados de cavalaria, em certas ocasiões, só conduziam suas espadas nuas e seus cavalos. A extraordinária infantaria brasilei-

ra, cortava, às vezes, árvores e afastava outros obstáculos para que os monitores conseguissem manobrar com mais facilidade, fora do leito do rio, nos alagados e, assim, melhor transporte fizessem e um mais preciso apoio de fogo prestassem à própria infantaria.

A pesada artilharia específica do Exército era transportada a bordo dos navios, assim como, o próprio equipamento para passagem dos rios, composto de pontes de emergência, com seus botes e outros flutuantes, além dos demais acessórios necessários.

A formidável máquina militar deslocava-se, nas grandes marchas que se seguiram a Humaitá, assim:

a) O grosso constituído de cavalaria e infantaria o mais possível aliviado de todo equipamento pesado e mesmo de tudo que fôsse possível transportar pela Esquadra, inclusive a reboque. Esta força movimentava-se paralelamente aos rios, às vezes nadando. A infantaria, assim aliviada, marchava com uma rapidez extraordinária;

b) Um destacamento que viajava a bordo dos encouraçados maiores e dos navios transportes de tropa;

c) Os pequenos grupos de vanguarda que viajavam nos monitores e às vezes atacavam pelos flancos, constituindo um conjunto de todas as armas. Estes pequenos encouraçados faziam o papel de verdadeiros carros blindados flutuantes, saindo em muitas ocasiões dos leitos dos rios e penetrando nas lagoas e alagados recentes, transportando homens e prestando apoio de fogo, por outro lado, recebendo o auxílio dos valorosos soldados de terra como já foi descrito. Estes maravilhosos navios quando necessário restabeleciam as comunicações do grosso do Exército. Às vezes aguaceiros impediam completamente o transporte nas carrêtas. Os cavalarianos somente com seus cavalos e espadas nos dentes, não raro, acompanhavam nadando a *panzer* fluvial;

d) Todo conjunto, em determinada ocasião, era transportado de uma margem para outra do rio e lançado de surpresa na retaguarda do inimigo, em ata-

que fulminante perfeitamente equipado, alimentado, com seus animais e carrêtas e com o apoio de fogo necessário.

Este o instrumento que Caxias e Inhaúma dispunham para realizar a epopéia da *Dezembrada*. O cêrco de Humaitá, os diversos forçamentos dos Passos fortemente artilhados, as várias operações anfíbias de desembarque em cabeças-de-ponte no Chaco, as difíceis, arriscadas e penosas tarefas da engenharia militar e naval, os reconhecimentos realizados por intermédio dos longos *raids* de cavalaria, em conjunto com os navios da Esquadra, forjaram o extraordinário aparelho militar que desagrovou a honra da Nação Brasileira, atingida por cruel tirano, responsável principal por uma guerra de cinco anos e pelos sofrimentos terríveis que atingiram a todos os envolvidos no conflito e, de maneira desastrosa, a seus próprios compatriotas.

Lopez não contava que a marcha do Chaco pudesse ser realizada por homens. Realmente, foram verdadeiros gigantes, aqueles heróis dos pântanos paraguaios. Um general brasileiro, muitos anos depois, em dramático diálogo com um político de projeção declarou mais ou menos assim: falo a V. Ex<sup>a</sup> em nome do sofrimento de quem passou quatro dias com água pelo pescoço dentro de um pântano paraguaio.

### 8.2 — A Opção de Lopez

A essa altura dos acontecimentos Lopez teria que optar:

- a) Fazer a paz;
- b) Continuar a guerra.

Escolhendo a segunda alternativa, implícito estaria o seguinte:

- a) Protelar o mais possível o desfecho;
- b) Jogar a grande, parada política, aproveitando a situação interna em cada país inimigo e os antagonismos existentes, na situação internacional e, especialmente, continental. Procurar o apoio de forças indiretas e ocultas, inclusive.

Examinando a alternativa escolhida, uma importante decisão precisaria ele tomar: defender ou não Assunção?

Optando êle pela defesa dêsse ponto nevrálgico, deveria ainda escolher onde fazê-lo.

Quer-nos parecer que Lopez errou profundamente, ao querer continuar a guerra regular com a defesa de Assunção. Se o propósito era protelá-la, então, deveria êle, em primeiro lugar, separar o Exército Brasileiro de seu apoio logístico, tático e estratégico que era dado pela Marinha. Assim, deveria fazer o que fez mais tarde já sem condições: retirar-se, para as matas virgens das cordilheiras, porém, com o Exército ainda poderoso de que dispunha, antes do aniquilamento da *Dezembrada*. Este, aliás, tora o próprio plano proposto pelo Brasil, por intermédio do extraordinário estrategista civil o Marquês de São Vicente, por ocasião da iminente invasão do Paraguai pelo ditador Rosas quando, a isso nos opúnhamos.

E por que Lopez não escolheu assim? Porque não acreditava que os brasileiros tivessem capacidade de realizar a marcha no Chaco que permitiu a *Dezembrada* e, portanto, acreditava que fôsse possível transformar Angustura e o Piquissiri em uma segunda Humaitá prolongando, destarte, indefinidamente, a guerra. Enganou-se, redondamente, Lopez!

Precisamos, hoje, por um dever de patriotismo, valorizar essa marcha e procurar compreender o que houve de grandioso em sua realização.

### 8.3 — Seria Conveniente a Caxias Deixar o Timbó na Retaguarda?

Caxias, também, deveria decidir a respeito de importante assunto: Deixar uma posição como o Timbó na mão do inimigo, na retaguarda, não seria perigoso? A decisão do Chefe foi não tomar o Timbó e marchar com as forças julgadas necessárias, em busca do Exército Paraguaio na linha do Tebicuari, na certeza de que Lopez abandonaria não só o Timbó mas, também, outras posições e o próprio Tebicuari, para fixar-se, na defensiva, em posição mais favorável, nas proximidades de Assunção, se desejasse defender esta cidade, ou mais longe ainda, se resolvesse abandoná-la; de

qualquer maneira largaria o Timbó. E foi o que aconteceu. Caxias, assim, resolveu marchar para o norte do Tebicuari, sem limpar completamente a margem direita do rio Paraguai, na região do Timbó. Retirou, contudo, as forças aliadas do Andai, deixando o 2º Corpo do Exército do General Argolo em Humaitá, guardando a nova sede do Teatro de Operações.

O 1º Exército partiu do Tagi para o norte, tendo como objetivo o Pilar. Em Tagi ficaram dois batalhões para guardar o reduto. O grosso da força brasileira abalou de Para-Cué. Caxias comandava pessoalmente as forças da ofensiva constituídas do 1º e do 3º Exércitos que incluíam o pequeno destacamento uruguaio. Os argentinos, em virtude da rebelião na Província de Corrientes ficaram, por ordem do Governo de Buenos Aires, em Humaitá.

O Almirante Inhaúma comandava, pessoalmente, a força naval que se deslocou rumo ao norte, formada dos Encouraçados *Brasil*, *Cabral*, *Tamandaré*, *Colombo* e mais os transportes atracados a contrabordo destes, *Princesa* (Capitânia), *Guaicuru*, *Alice* e *Desesseis de Abril*. Esta força sofreu algumas avarias, ao forçar a bateria do Timbó. O Almirante, no dia 16 de agosto, fundeou no Tagi, onde incorporou parte da força do Barão da Passagem e, em seguida, suspendeu para o Pilar onde fundeou às 10,50 horas do mesmo dia.

Entre os dias 16 e 19 de agosto de 1868 a Esquadra fundeou em frente ao Pilar, e o 1º e 3º Exércitos partiram rumo ao norte. No dia 20 de agosto, a vanguarda brasileira comandada pelo General Mena Barreto passou o Neembucu. O grosso prosseguiu rumo ao norte e estacionou próximo ao Pilar e aprontou-se para, por sua vez, passar o Neembucu. No dia 20 de agosto, Caxias encontrou-se com Inhaúma, no Pilar. (Figs. 1 e 2).

#### 8.4 — Queda do Timbó

No dia 22 de agosto de 1868, conforme fôra previsto, o Comandante do Encouraçado *Lima Barros* participou o

abandono da bateria do Timbó; em consequência Caxias determinou, que os dois Corpos de Voluntários da Pátria o 33º e o 47º deixassem o Tagi, e, se reunissem ao grosso das forças em ofensiva.

Os elementos mais avançados do Exército, em 23 de agosto, atingiram o rio Jacaré, comandados pelo Barão do Triunfo. O grosso das forças terrestres continuou nas imediações do Pilar. A vanguarda compunha-se de uma divisão de cavalaria, uma brigada de infantaria e de quatro canhões, e foi acampar próximo ao arroio Montuoso (Fig. 4).

Caxias determinou, então, o embarque nos transportes de tudo aquilo que pudesse aliviar o Exército: o trem de pontes, a tipografia e grande parte das munições de artilharia e infantaria, além do que já anteriormente havia sido determinado. Nas chatas rebocadas embarcaram-se as peças de artilharia, transferidas do Tagi, para as eventualidades operativas do Tebicuari.

#### 8.5 — O Exército Paraguaio Inicia a Retirada do Tebicuari para Villeta. O Crime Revoltante de Lopez, em S. Fernando, Contra a Elite da Nobre Nação Paraguaia

No dia 24 de agosto de 1868 teve início a retirada do Exército Paraguaio para Villeta, posição acima de Angustura, na direção geral do nordeste, em caminhos de atoleiros e lamaçais. (Figura 3). A vanguarda do Barão de Triunfo alcançou Salinas. A Esquadra continuou no Pilar, portanto nas proximidades da confluência do Neembucu com o Paraguai pronta para subir este rio, no dia seguinte. Lopez ao abandonar S. Fernando (Fig. 4) massacrou os elementos mais expressivos da nação paraguaia. Com verdadeira selvageria não respeitou seus próprios heróis de guerra. Os militares mais valentes, homens de Estado digníssimos e figuras representativas de todos os setores foram cruelmente assassinados, sem qualquer razão, a não ser a implantação do terror mais bárbaro. Caxias apurou pessoalmente o fato quando depois entrou

em S. Fernando e, sãbiamente, determinou o levantamento de uma ata, onde tudo foi devidamente testemunhado, uma vez que ainda foi possível identificar os corpos mal sepultos, com os sinais evidentes das torturas atrozes recentemente sofridas. Não foram os invasores estrangeiros que aniquilaram o que havia de melhor na Nação guarani, foi o seu próprio tirano, atacado de autêntico acesso de loucura, que não respeitou nem os seus próprios parentes mais próximos. Posteriormente, obrigando sua infeliz população, sob terror, a acompanhá-lo para as cordilheiras, foi igualmente responsável pela morte de seus compatriotas populares, porque não teria condições para realizar o imenso êxodo que ordenou, de velhos, mulheres e crianças, verdadeiro genocídio. Assim, grande parte da população paraguaia morreria ao desamparo, em consequência da falta de alimentos e remédios, obra de um irresponsável, verdadeiro alucinado.

O problema, cem anos depois, recrusce, torna-se grave, porque, no coração da América do Sul (quando um nôvo Lopez, adotando a mesma técnica do assassinato em massa para aterrorizar, infelicitava a desgraçada nação cubana), procura-se por intermédio de uma propaganda sistemática, exaltar a mística de Lopez, encobrendo-se a verdade dos fatos. E o mais revoltante é que vozes misteriosas procuram convencer aos próprios brasileiros que seus antepassados, que tudo sacrificaram, há cem anos passados, em defesa do Direito ultrajado, é que estavam errados. E tudo isso, em nome das boas relações entre o Brasil e o Paraguai, que se deveriam fundamentar na verdade dos fatos e não na falsidade dos mesmos.

#### 8.6 — O Problema de Caxias na Passagem do Tebicuari

Na posição denominada Fortim existiam baterias inimigas. Caxias determinou a Inhaúma que hostilizasse esta posição e para tal que penetrasse no Tebicuari.

#### 8.7 — Os Navios da Esquadra Penetram no Tebicuari

Nos dias 26, 27 e 28, os navios da Esquadra fizeram fogo sobre o Fortim (na confluência do Paraguai com o Tebicuari). No dia 29 de agosto de 1868 os monitores *Piauí*, *Pará* e *Rio Grande*, penetraram no Tebicuari e juntamente com os navios que se encontravam no rio Paraguai, atiraram no Fortim, inclusive com metralha. Neste mesmo dia (29) os navios acusaram o abandono do Fortim. A 31, o Barão da Passagem, com o Encouraçado *Bahia* e os Monitores *Alagoas* e *Ceará*, igualmente penetrou no Tebicuari, tendo atingido o local denominado Passo Real. O Barão da Passagem rebocara, até esta posição, parte do trem de pontes do Exército e encontrou-se com Caxias no acampamento da vanguarda, onde este Chefe estava. Os navios continuavam operando no Tebicuari e atiram nas trincheiras paraguaias ainda existentes.

#### 8.8 — Passagem do Tebicuari pelo Exército

Os monitores, como verdadeiras EDVP (embarcações de desembarque de viaturas e pessoal) e EDVM (embarcações de desembarque de viaturas e material) transportaram a vanguarda da infantaria. Entre 31 de agosto e 1º de setembro de 1868 a ponte foi lançada, constituída de dezessete canoas.

A cavalaria cruzou o rio pela ponte. O Barão de Triunfo atingiu S. Fernando, antigo QG de Lopez.

Até 6 de setembro todo o Exército já se encontrava na margem direita do Tebicuari. Somente a 1ª Divisão de Cavalaria ficara na margem esquerda. Pouco depois toda a força concentrou-se na região de S. Fernando, onde Caxias instalou o seu QG.

#### 8.9 — A 2ª Divisão da Esquadra Sobe o Rio

Ainda no dia 2 de setembro a 2ª Divisão da Esquadra, sob o comando do CMG Mamede Simões, teve ordem de

subir o rio Paraguai, explorá-lo e procurar impedir a fortificação de Angustura. O Comandante da Fôrça, constituída do *Lima Barros* (Capitânia), *Silvado*, *Mariz e Barros* e *Herval*, todos encouraçados, supunha que a bateria estivesse na ponta de Itapiru. O *Silvado* (Comandante José da Costa Azevedo) navegava no dia 7 de setembro na vanguarda, como esclarecedor, e montou sem maiores novidades esta ponta. Continuou avançando, porém, quando dobrava a ponta do Chaco, recebeu de surpresa o impacto de todo fogo do inimigo. Eram as baterias de Angustura, camufladas, que o alcançavam duramente.

Decidiu, o Comandante, contrariando as ordens recebidas, prosseguir. Desculpar-se-ia depois explicando que sua posição era muito difícil e que seria melhor agir como o fêz: passar e, depois, dar a volta a montante do fogo.

O Comandante Costa Azevedo era homem de muita decisão e coragem; ao passar Angustura avistou navios, que deveriam ser paraguaios. Um dêles, porém, era a Canhoneira norte-americana *Wasp* que, pela sua posição, não permitia que o *Silvado* abrisse fogo contra os navios paraguaios. Em seguida, para infelicidade do valente Comandante e sorte de seus inimigos, o audacioso *Silvado* encalhou a pouco mais de quatro amarras da *Wasp*. Foi impossível realizar a perseguição aos navios fugitivos depois do desenralhe: o Comandante brasileiro desconhecia o canal de Villeta e havia, também, a noite que chegava.

Enfrentou de volta as baterias de Angustura e reuniu-se à sua Fôrça. Para proteger o *Silvado* o *Lima Barros* atacou abaixo de Angustura, esta posição. O Capitânia recebeu três impactos, sendo que um partiu a amarra que sustinha o ferro de bombordo. O *Silvado* foi fortemente atingido, recebeu na couraça três projetis que lhe causaram avarias. Os Primeiros-Tenentes Carlos Frederico de Noronha, Antônio Pedro Alves Barros e o Segundo-Tenente José Carlos de Carvalho ficaram feridos.

Nesta mesma exploração o *Mariz e Barros* recebeu ordem de atirar em um grande número de carrêtas paraguaias.

Os navios da Esquadra atacavam, assim, na retaguarda, as comunicações terrestres do inimigo. Se considerarmos o moderno emprêgo das fôrças blindadas, nas campanhas do Século XX, verificaremos muita semelhança com a utilização, no teatro de operações fluvial do Paraguai dos encouraçados para com uma penetração profunda, desagregar a retaguarda do inimigo com a destruição de fortificações, transportes, quartéis, acampamentos, depósitos, arsenais, fábricas, lavoura, centros de administração, enfim, para lançar o pânico impedindo o apoio às fôrças combatentes na frente de combate, desarticulando todo o conjunto e desmoralizando o inimigo.

#### 8.10 — Retirada Precipitada do Inimigo

Tudo leva a crer que Lopez, ao receber a notícia da queda de Humaitá, tenha resolvido estabelecer uma nova linha de resistência mais ao norte, tendo como flanco fluvial, na margem esquerda do rio Paraguai, a posição de Angustura (Fig. 5) e, como acidente natural de defesa, o Piquissiri. Prova-essa afirmação a oposição fraca que êle ofereceu no Neembucu e em ambas as margens do Tebicuari.

Outrossim, os trinta impactos recebidos pelo *Silvado*, em Angustura, nos dois forçamentos realizados pelo Comandante Costa Azevedo, em 7 de setembro de 1868, foram a mostra de potência de fogo daquela posição e das dificuldades a vencer. Nas condições, tornar-se-ia impossível o transporte simplesmente do grosso do Exército pelo rio Paraguai acima, até Villeta no mínimo, em navios desprotegidos, quando um encouraçado, do valor do *Silvado*, foi tão duramente atingido (Fig. 4). Quanto ao ataque frontal às trincheiras do Piquissiri foi considerado, também, muito difícil (Fig. 5). O flanqueamento pela esquerda paraguai, a este pelo Ipoá, do mesmo modo, não oferecia grandes possibilidades de êxito.

Restava a margem direita do rio Paraguai, o Chaco. Lopez e seus técnicos julgaram impraticável a marcha de grandes contingentes nesta região. Estariam os brasileiros e seus aliados con-

denados a um novo desgaste de quatro anos sem o desejado honroso desfêcho da guerra?

Veremos, brevemente, como a questão foi resolvida. *Resumindo*: não haveria dificuldade para a Marinha em passar de novo Angustura, como já o fizera duas vezes com o *Silvado*, em 7 de setembro de 1868, como por Humaitá e outras posições fortemente artilhadas. Poderia mesmo transportar parte reduzida do Exército em seus navios, e, também, conduzir de uma margem para outra, em um largo rio, no caso o Paraguai, toda força terrestre disponível, como o fizera em Passo da Pátria. Para o Exército, também, não seria muito difícil uma marcha pelo Chaco, porém, de contingente reduzido apoiado pelos navios. O problema era, portanto, conseguir chegar acima de Angustura, no mínimo, como já foi dito, na altura de Villeta, com o grosso da tropa, para atacar as fortificações de Angustura-Piquissiri, pela retaguarda. Porque esta foi a decisão de Caxias (Fig. 5).

#### 8.11 — *Onde se Encontrava Caxias e Para Onde foi Lopez*

A essa altura dos acontecimentos, o Comandante-em-Chefe estava em Vila Franca (Fig. 4). Desta posição pretendia alcançar Villeta e, depois, Assunção. Inhaúma encontrou-se com Caxias no Pôrto de Vila Franca, no dia 13 de setembro.

Lopez estabeleceu-se em Villeta.

O CMG Elisiário ficou na foz do Tebicuari com o *Beberibe*, o *Greenhalg* e o *Araguari*. Teve ordem de manter este afluente do Paraguai sob vigilância. O *Araguari*, para tal, deveria percorrê-lo até onde fôsse possível.

O Barão da Passagem, também recebeu ordem para seguir para Vila Franca.

#### 8.12 — *A Marcha de Vila Franca Para Palmas*

A Marinha forneceu ao Exército o abastecimento correspondente a um nível operativo de quatro dias para uma longa caminhada de três dias. O encon-

tro deveria ser em Agatapé, novamente, entre o Exército e a Marinha. A Esquadra daí partiu para Oliva e depois para Mercedes. A vanguarda do Exército atingiu, no dia 22 de setembro, Laguna, um ponto acima de Tuiuti (não confundir com Tuiuti, acampamento do Exército). O 1º Corpo do Exército instalou-se nas proximidades de Mercedes. No dia 23 de setembro foi travado o combate de Surubi-i. O Exército passou este arroio e, a 24, deslocou-se para Palmas. Inhaúma, no dia seguinte, 25 de setembro, fundeou no Pôrto de Palmas.

#### 8.13 — *O Exército Brasileiro Entra em Contato com o Grosso do Exército Paraguai*

De Humaitá até Palmas tinham sido percorridos 200 km e gastos trinta e seis dias. Assim, na região de Palmas, Caxias entrara novamente em contato com o grosso do exército inimigo.

Segundo o General Tasso Fragoso, Caxias, nessa situação, não poderia fragmentar o seu bloco antes de fixado o grosso do inimigo e, como já tivemos ocasião de observar, os meios flutuantes disponíveis não eram suficientes para transportar, rio acima, forçando Angustura, a tropa necessária no prazo exigido, para que não ficasse ela sujeita a ser baída por partes.

No dia 29 de outubro Caxias embarca na Esquadra e, com Inhaúma, sobe o rio e assiste ao bombardeio de Angustura feito pelos encouraçados. Caxias observou pessoalmente as reprêsas que se destinavam a inundar o terreno. Osório, dois dias depois, verificou que o arroio Piquissiri não dava vau por causa das referidas reprêsas.

#### 8.14 — *A Divisão do Barão da Passagem Força o Passo de Angustura*

Preparando sua futura manobra, Caxias determinou a Inhaúma que forçasse o passo de Angustura com alguns navios.

Inhaúma ordenou ao Barão da Passagem que, com os *Encouraçados Bahia* (Capitânia), *Silvado*, *Tamandaré* e *Bar-*

roso, executasse esta decisão. No dia 1º de outubro de 1868, às 04,30 horas, a ordem foi cumprida.

O CMG Mamede Simões com os Monitores *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará*, prestou valioso apoio de fogo.

O Almirante Inhaúma, no *Belmonte*, acompanhou de perto os menores detalhes da passagem, determinando aos Encouraçados *Cabral* e *Colombo* que também atirassem em Angustura.

Por ocasião da passagem de Angustura, pela Divisão do Barão da Passagem, o Exército realizou um importante reconhecimento às linhas do Piquissiri.

De acordo com o Barão de Jaceguai, foi a seguinte a missão atribuída ao Barão da Passagem: "Proceder a um reconhecimento rio acima até Assunção e conservar-se à retaguarda da posição inimiga, onde aguardaria segunda ordem".

Logo depois da passagem a Divisão fundeou próximo a Angustura. No dia seguinte, 2 de outubro, fundeou em frente a Villeta, onde ficou até cinco do mesmo mês. Como o rio baixasse muito, voltou às proximidades de Angustura, onde fundeou.

O Almirante Inhaúma regressara a Palmas, ainda no dia 1º após a passagem da Divisão Avançada. (Fig. 4).

#### 8.15 — O Encouraçado *Silvado* Força Angustura Rio Abaixo, para Cumprir Ordens

O Encouraçado *Silvado*, cumprindo sua quarta passagem de Angustura, força em 8 de outubro de 1868 rio abaixo o Passo, para comunicar-se, por determinação do Comandante da Divisão Avançada, com o Almirante Inhaúma.

#### 8.16 — Novos Forçamentos de Angustura

No dia 10 de outubro, o Encouraçado *Lima Barros* e o Monitor *Alagoas*, forçaram o Passo de Angustura para se juntarem à Divisão Avançada. No dia quinze do mesmo mês repetiu-se a ocorrência: o Encouraçado *Brasil*, novamen-

te (5ª vez) e os Monitores *Pará*, *Ceará* e *Rio Grande* realizaram, também, a difícil manobra.

Assim, à montante de Angustura, comandados pelo Barão da Passagem, estavam os seguintes navios: Encouraçados *Bahia* (Capitânia), *Silvado*, *Tamandaré*, *Barroso*, *Lima Barros*, *Brasil* e os Monitores *Pará*, *Alagoas*, *Ceará* e *Rio Grande*.

#### 8.17 — Caxias Decide Contornar pelo Flanco Esquerdo

Depois de um exame completo, Caxias resolve construir uma estrada no Grão-Chaco, isto é, na margem direita do rio Paraguai. Teria que enfrentar o terreno baixo, constantemente sujeito às inundações.

Tal estrada deveria permitir a marcha de uma tropa suficientemente numerosa, para atacar Piquissiri pela retaguarda. (Fig. 5).

#### 8.18 — A Construção da Estrada do Chaco

(Segundo dados do General Tasso Fragoso em *A Guerra da Tríplice Aliança*.)

No dia 10 de outubro de 1868 Caxias chamou o General Argolo, de Humaitá e encarregou-o, com seu Corpo de Exército, de executar a difícil tarefa.

O Coronel Piquet ficou em Humaitá com somente 1 500 homens.

Corpo de Exército de Argolo encarregado da construção:

2 925	homens	de infantaria;
94	"	de cavalaria;
198	"	de artilharia;
327	"	de pontoneiros.

Chefe da Comissão de Engenheiros: Tenente-Coronel Rufino Galvão. Faziam parte, também, desta Comissão o 1º Tenente Lussace e o Alferes Jourdan.

Caxias determinou ainda que o famoso Tenente-Coronel Tibúrcio passasse para o Chaco, para reforçar o Corpo do

General Argolo, com os seguintes meios:

2 batalhões de infantaria (o 16º e o 4º);

1 esquadrão de cavalaria;

1 ala do batalhão de engenheiros.

Ao todo 1 122 homens, com 80 oficiais e 1 042 praças.

A tropa do General Argolo embarcou em Humaitá, no dia 13 de outubro, e chegou à barranca de Palmas, na margem esquerda, no dia 15 seguinte. Desembarcou, porém, na margem direita, no local que foi denominado de Santa Teresa em homenagem ao dia. Caxias e Argolo conferenciaram a bordo do Transporte *Princesa*.

Os trabalhos para a construção da Estrada do Chaco tiveram início e a primeira ponte foi construída pelo Tenente Lassace. Este mesmo oficial teve ordem de construir outras duas em 18 de outubro, uma de 20 metros por 1,5 e outra de 40 metros por 3.

A matéria-prima usada, quer para construção das pontes, quer para estivar a estrada quando necessário por falta de firmeza do solo, foi a palmeira caranda do Chaco.

O Alferes Jourdan, prosseguindo os trabalhos, encontrou o arroio Villeta (19-10-1868), ao explorar uma picada no rumo noroeste. Este caminho não era firme. A picada foi percorrida por Caxias e Argolo. Continuando a realizar as tarefas, Jourdan encontrou novamente o arroio Villeta num ponto onde tinha 12 metros de largura e 3 metros de profundidade. tratou então de procurar a confluência do Villeta com o Paraguai. Continuando a construir picadas, atingiu seu objetivo e avistou no dia 24 de outubro, a Divisão Avancada, acima de Angustura. Jourdan recolheu-se a bordo dos navios, com o seu 4º Batalhão de Infantaria, tendo pernoitado de 24 para 25 e regressado para terra neste dia para reiniciar o serviço.

Os paraguaios atacaram o destacamento do Tenente-Coronel Tibúrcio que protegia o trabalho do Alferes Jourdan, tendo sido repelidos.

No dia 26 de outubro, Caxias voltou ao Chaco.

#### 8.19 — A Estrada do Chaco, Virtualmente Concluída — Características

No dia 26 de outubro, segundo parte do Coronel Rufino Galvão ao General Argolo, a Estrada do Chaco estava virtualmente concluída. Depois ainda foram realizadas certas tarefas complementares.

*Extensão:* 10 714 metros.

*Estiva para consolidação do terreno:* 2 930 metros, com troncos de palmeira caranda, cada tronco cortado em três pedaços.

*Número de palmeiras derrubadas:* 6 000.

*Pontes construídas:* 5.

*Duração:* 23 dias.

#### 8.20 — Importante Tarefa Complementar Realizada

Entre 1º e 15 de novembro foi desobstruído de aguapés o rio Villeta ou Araquaré, em importante trecho até a barra do Paraguai para permitir a navegação de pequenas embarcações e, mesmo, navios de porte reduzido. (Fig. 5).

#### 8.21 — A Esquadra Opera de Maneira Eficiente Durante a Construção da Estrada

Muito contribuíram os navios da Esquadra, hostilizando constantemente as forças de Lopez, no período correspondente à construção. Tendo-se concentrado nas proximidades de Angustura, tomaram parte ativa nos reconhecimentos realizados e foram de grande importância na fixação, na região do Piquisiri, do Exército Paraguaio, condição básica para a manobra a ser executada por Caxias.

#### 8.22 — O Barão do Triunfo Embarca no Encouraçado Herval

No dia 28 de outubro o valoroso Barão do Triunfo preferiu, durante algum tempo, o Encouraçado *Herval* aos seus cavalos e embarcou neste navio, quando comandou importante reconhecimento.

O *Cabral* e o *Piauí* participaram da importante operação tendo sido aquêle duramente atingido.

### 8.23 — *Caxias Embarca no Monitor Rio Grande*

No dia 4 de novembro de 1868, Caxias embarcou no Monitor *Rio Grande*, na barra do Villeta, à margem direita do Paraguai. Subiu êste rio até S. Antônio, procurando o ponto ideal na margem esquerda para desembarque do Exército. Inicialmente, inclinou-se mais por Villeta. Nesta ocasião a Esquadra aproximou-se de Angustura e realizou intenso bombardeio.

### 8.24 — *Caxias Embarca no Encouraçado Barroso*

Caxias, em 17-11-1868, embarcou no Encouraçado *Barroso* e conferenciou com o General Argolo e com o Barão da Passagem neste navio. O Visconde de Inhaúma ainda não estava à montante de Angustura, sendo o comando da Divisão Avançada exercido pelo Barão da Passagem.

### 8.25 — *Caxias Embarca em Escaler*

Caxias fêz o percurso no arroio Villeta, em escaler até o Pôrto das Canoas, já de regresso, e daí até S. Teresa, por terra.

### 8.26 — *Caxias Faz Nova Exploração a Bordo do Encouraçado Tamandaré*

Continuando suas investigações, Caxias faz a terceira excursão no Chaco e embarcou no Encouraçado *Tamandaré*.

### 8.27 — *O Encouraçado Brasil Desce o Paraguai e Força Angustura*

Para se ter uma idéia da precariedade da Estrada do Chaco, recentemente construída, basta dizer que o Encouraçado *Brasil* teve que descer o rio Paraguai e forçar Angustura para buscar munição de artilharia para os navios da Divisão

Avançada. Na volta deveria êste encouraçado conduzir o Almirante Inhaúma.

A essa altura (22-11-1868) as Unidades do Exército, abaixo de Angustura, estavam sendo transportadas metòdicamente, da margem esquerda para a margem direita do rio Paraguai, entre Palmas e S. Teresa. O General Argolo, outrossim, mudou a sede do seu Corpo de Exército para a foz do Villeta, na margem direita, em frente à posição paraguaia, também, denominada Villeta, na margem esquerda.

Ao norte da foz do arroio Villeta, garantindo a ponte de batéis, já estava o 2º Corpo do Exército e ao sul elementos do 1º.

Caxias determinou que se fortificassem essas posições.

### 8.28 — *Inhaúma Força Angustura e Corre Forte Risco de Vida*

No dia 26 de novembro o Almirante Inhaúma, a bordo do Encouraçado *Brasil*, acompanhado do *Cabral* e do *Piauí* passou Angustura, subindo o rio.

O *Cabral* levou ainda um pequeno navio a vapor e uma lancha. A passagem foi duríssima. O navio do Almirante foi fortemente atingido por um tiro de 150 mm que atingiu a parte anterior da casamata, exatamente, no ponto crítico dos navios desse tipo. Morreu o prático João Batista Pozzo e o Comandante, Capitão-de-Fragata João Mendes Salgado, foi ferido. O Almirante sofreu grande risco de vida.

### 8.29 — *A Esquadra Bombardeia Villeta*

Foi executado, no dia 27 de novembro, um intenso bombardeio da posição paraguaia de Villeta, pelos navios.

### 8.30 — *Caxias Muda o seu Quartel-General para o Chaco*

Deixando Palmas, na margem esquerda do Paraguai, Caxias estabeleceu seu Quartel-General ao norte da foz do Villeta, na margem direita, em 27 de novembro.

### 8.31 — *Aumentaram as Dificuldades Por Terra*

No dia 27 de novembro o Chaco começa a transformar-se num vasto pântano. As circunstâncias afastaram qualquer idéia de um desembarque imediato, à viva força, mediante uma operação anfíbia, em Villeta. Assim, mudou de idéia o Comandante-em-Chefe, mas simulou de maneira habilíssima dando a impressão a todos que o ponto seria Villeta. Só aos mais íntimos, realmente, esclareceu o assunto.

### 8.32 — *A Marinha Bombardeia Assunção*

Outrossim, simulou, também, uma preparação de desembarque em Assunção, deixando o inimigo completamente desorientado. Para tal, no dia 27 de novembro, o Barão da Passagem subiu o rio com os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e os Monitores *Alagoas* e *Rio Grande*. Chegando em frente a Assunção bombardeou edifícios públicos diversos, o arsenal, as baterias, a alfândega, o palácio de Lopez e o estaleiro, onde se construía um pequeno navio a vapor que foi danificado. De tudo deu parte ao Almirante Inhaúma. Assim, pela segunda vez, a Marinha de Guerra, desagravando a honra nacional ofendida, bombardeou Assunção, contribuindo de maneira decisiva para a vitória de nossa causa.

### 8.33 — *Caxias e Inhaúma, Juntos no Encouraçado Brasil*

Caxias, no dia 30 de novembro, embarcou no Encouraçado *Brasil*, onde se encontrou com Inhaúma e foram até Lambaré provavelmente para decidir a respeito do ponto de desembarque.

### 8.34 — *Carta de Caxias a Osório Esclarece Bastante a Respeito de Sua Intenção e da Importância da Marinha nas Futuras Operações da Dezembrada*

Nesta interessante carta de 1º de dezembro consta o seguinte:

“Continuo a dizer a todos que o ataque é de frente, contra Villeta, mas já ontem (30), fui em um encouraçado até Lambaré, com o Almirante, e vimos cinco ou seis barrancas onde os vapores podem atracar, até sem auxílio das pranchas e largar a tropa em posição, onde cinco ou seis mil homens se podem sustentar por duas horas, enquanto os vapores vão e voltam com outros tantos ou mais homens. E o que mais me agrada está a duas léguas de Villeta, por isso que tem a vantagem de poder ir a cavalaria por terra, pelo Chaco, até ser recebida pelos monitores e balsas, ou barcas, para só atravessar o rio. A operação não tem risco, porque tomada ou ocupada essa posição com infantaria e artilharia, enquanto o inimigo reúne e marcha para ir atacar, temos tempo de sobra para formar em terra 15 000 homens pelo menos.

E se eles nos não forem atacar, depois de desembarcados, poderemos marchar sempre por caminho duro e largo até Villeta, com o flanco apoiado no rio Paraguai. E ocupada Villeta com as suas coxilhas, quem me dera que Lopez viesse dar uma batalha, para a qual ele não poderia trazer tôdas as suas forças sem desamparar Angustura e Piquissiri, onde estão ou podem estar forças nossas, pois, enquanto nós estivermos à barba com eles eu pretendo que a Esquadra, de cima e de baixo, bombardeie ativamente Angustura.”

O importante a considerar é que Caxias visava tomar Villeta, desembarcando pouco acima, em S. Antônio, e marchando por terra, contrariando seu ponto de vista inicial de um desembarque à viva força em Villeta. E por que? A resposta é que Villeta não oferecia mais as condições imprescindíveis em virtude dos aguaceiros para tal desembarque. Esta posição para ser tomada necessitava uma ação coordenada com as forças de terra, como foi posteriormente feito, depois da vitória de Avaí. Esta consideração, a nosso ver, é da maior importância.

Naturalmente, o leitor interessado poderá estudar melhor o assunto, para julgamento próprio. Depois de atingir S. Antônio e aí desembarcar parte do

Exército, travar e vencer a batalha de Itororó, resolveu com êstes efetivos desfalcados seguir para Guarda Ipané, na barranca do rio e tomá-la, estabelecer uma cabeça-de-praia e, então, ordenar diretamente o transporte pelos navios da Esquadra, de S. Antônio para o pôrto de Guarda Ipané, na margem esquerda do rio Paraguai, do restante das forças terrestres.

Só depois dêsse movimento travou a batalha de Avaí, já com seus efetivos completos e com o apoio da Esquadra em Guarda Ipané.

Após a magnífica vitória de Avaí, tomou Villeta, estabelecendo outro ponto de apoio na margem esquerda do rio Paraguai e, só então, acometeu contra a linha do Piquissiri, marchando gloriosamente para as vitórias de Lomas Valentinas e Ita-Ibaté, assim como, finalmente, impondo com sucesso a rendição de Angustura e ocupando, em consequência, Assunção.

*O planejamento da Marinha para o transporte do Exército, de Santa Helena para S. Antônio.*

A participação da Marinha na fase inicial da *Dezembrada* foi importantíssima e muito bem planejada.

Nada melhor para esclarecimento do assunto que a transcrição das instruções baixadas no dia 2 de dezembro de 1868 pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, Almirante Inhaúma:

1) No dia marcado para o embarque os senhores comandantes terão as máquinas prontas às 19,00 horas, recomendando aos engenheiros que conservem os fogos ocultos tanto quanto seja possível sem prejuízo das mesmas máquinas.

2) O *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* ficarão nos lugares em que estão, alando para terra o mais que lhes seja possível, fazendo ponte de embarque quer com as pranchas, que já devem ter preparadas, quer com suas embarcações miúdas. Isto deve estar pronto com a devida antecedência e segurança.

3) O *Cabral* virá atracar à terra pela proa do *Brasil*, quando fôr determinado. O *Tamandaré* e o *Barroso* atracarão, aquêle ao *Silvado*, êste ao *Lima Barros*,

deixando só a posição em que se acham no dia de desembarque, depois de escurer.

4) O *Ceará*, o *Piauí* e o *Rio Grande* atracarão entre o *Bahia* e o *Silvado* à mesma hora em que vierem ao ponto o *Tamandaré* e o *Barroso*. Receberão artilharia e todos os seus pertences, tanto em material como em pessoal e barcas.

5) O *Pará* e o *Alagoas* continuam a bombardear Villeta até segunda ordem.

6) Cada navio receberá o número de praças que lhe é designado neste parágrafo, nada menos, porém para mais se tiver acomodações: *Bahia*, 800; *Silvado*, 1 000; *Lima Barros*, 1 500; *Cabral*, 1 000; *Brasil*, 1 000; *Tamandaré*, 600; *Barroso*, 300; monitores, a guarnição de artilharia. As chatas e chalanas do Exército serão distribuídas, devendo para êsse fim entender-se prèviamente a autoridade militar que em terra dirige o embarque com S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Barão da Passagem.

7) A ordem de marcha é a seguinte: *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia*, *Silvado*, *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil*. Três monitores pela pôpa.

8) Os escaleres e chalanas da Esquadra vão atracados, tendo dentro metade das guarnições e seus oficiais.

Cada navio terá um oficial nomeado para dirigir as suas embarcações miúdas. O silêncio que o regimento provisional determina é muito e muito recomendado. Exige sangue frio e ordem.

A operação é a mais delicada que a Esquadra tem de fazer.

As âncoras e amarras devem ficar safas para dar-se fundo ou suspender prontamente sem prejuízo do serviço sem molestar os passageiros. Os navios que não têm borda substituí-la-ão por cabos ou tábuas com a devida segurança.

9) No ponto de desembarque os monitores aproximar-se-ão à terra o mais possível. O mesmo farão, mas em outra coluna, o *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia* e *Silvado*, atracados uns aos outros com cabos. O *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil* formarão uma outra coluna pela pôpa ou pela proa dêste, conforme o permitir o espaço e atracados pela mesma forma.

10) Se o rio tiver fundo bastante para que o navio que ficar mais próximo à terra lance sobre ela uma ponte, assim o fará. Por cima dela passará a gente dos navios que lhe ficam por BB. No caso contrário o desembarque será operado nas embarcações miúdas dos navios, dirigidas pelos seus respectivos oficiais. Peço aos Srs. chefes e oficiais do Exército não só que façam com que seus subordinados guardem o maior silêncio e ordem, como que não se intrometam no serviço próprio da Marinha.

11) Concluído o desembarque, o *Brasil* e o *Lima Barros* tomam posição para protegerem o ponto. O *Tamandaré*, o *Barroso* e o *Silvado* descerão para atracarem à barranca que lhe fôr indicada. Aí receberão a cavalaria e conduzirão em tantas viagens quantas forem precisas.

O Sr. Capitão-de-Fragata Costa e Azevedo dirigirá êsse serviço. As demais embarcações, sob as ordens do Sr. Barão da Passagem, descerão ao atual acampamento e continuarão a conduzir o Exército para o lugar do desembarque. Então o Exm<sup>o</sup> Sr. Barão disporá como melhor entender os monitores que bombardeiam Villeta.

O Almirante fica a bordo do *Brasil*. Concluída a passagem do Exército, seguir-se-á a bagagem.

Bordo do Encouraçado *Brasil*, em frente a Villeta,

(a) VISCONDE DE INHAÚMA.

## 9. ROTEIRO DA ARRANCADA GLORIOSA

### 9.1 — *Início*

Em 4 de dezembro de 1868, parte da cavalaria avançou por terra até Santa Helena, pela margem direita, em frente a S. Antônio na margem esquerda. Neste mesmo dia iniciou-se o embarque da tropa para a travessia do rio Paraguai. O início da chamada *Dezembrada* foi às 02,20 horas do dia 5 de dezembro de 1868, quando todos partiram para S. Antônio. Às 07,00 horas já se tinha efetuado o desembarque na margem oposta, isto é, em S. Antônio, de 8 000 sol-

dados de infantaria, dez canhões e material complementar.

Às 14,00 horas Caxias embarcou com Osório, no Encouraçado *Bahia*, com seu Estado-Maior e o do 3<sup>o</sup> Corpo do Exército. Subindo o rio às 16,00 horas chegou a S. Antônio e inspecionou a tropa que já havia desembarcado e que se encontrava na estrada.

Ao pôr do sol tinham desembarcado neste ponto: mais ou menos 17 000 homens, inclusive cerca de mil de cavalaria com os seus respectivos animais. Ao todo foram transportados no dia cinco, cerca de 18 667 homens. Ficaram na margem esquerda ainda oito mil homens.

### 9.2 — *Batalha de Itororó*

Ao amanhecer do dia 6-12-1868, Caxias marchou para a ponte de Itororó onde se travou a batalha do mesmo nome com a vitória, embora com graves perdas, para as armas brasileiras.

A ponte distava cerca de 6 km do pôrto de desembarque, S. Antônio.

A Esquadra, neste dia seis, continuou a transportar a tropa que ainda se encontrava no Chaco, isto é, na margem direita do rio Paraguai.

Caxias deixou o 2<sup>o</sup> Corpo do Exército em Itororó e atingiu, no dia sete, com o 1<sup>o</sup> e o 3<sup>o</sup>, a Capela de Ipané, que é preciso não confundir com Pôrto Guarda Ipané, na margem esquerda do rio Paraguai.

É interessante notar, também, que o ponto de apoio provisório na margem esquerda, à montante de Angustura, era S. Antônio, que distava cerca de 18 km de Villeta. Outrossim, entre Itororó já ocupada, e a referida Villeta estava Avaí, mais para o interior. Assim, Avaí situava-se a uns 6 km de Itororó e Villeta. (Figs. 5 e 6).

### 9.2 — *Caxias Muda o Ponto de Apoio na Margem Esquerda de S. Antônio para Pôrto Guarda Ipané — Fortíssimos Aguaceiros Transformam a Terra Firme num Mar Interior*

Caxias corria um forte risco com a manobra que executou e disso tinha plena consciência.

Sabia perfeitamente que a existência da estrada na margem direita, realizada com tanto sacrifício era precária e destinava-se, tão-somente, a colocar o grosso de sua tropa à montante de Angustura, sem arriscá-la a uma passagem pelo rio Paraguai forçando esta poderosa posição. A Esquadra não teria grande dificuldade em forçar Angustura conduzindo um contingente reduzido, porém seria arriscar muito transportar a tropa numerosa que utilizou, de Santa Teresa a Santa Helena, a estrada especialmente construída na margem direita.

Enfim, no dia 8 de dezembro de 1868, o que se temia aconteceu: desabou um formidável aguaceiro, tudo inundando e transformando a terra firme da margem direita, num vasto mar interior.

A estrada do Chaco, construída com tanto sacrifício, desapareceu e os nossos monitores passaram a navegar sobre os pontilhões submersos, onde na véspera trafegavam as carrêtas do Exército. *Com um calor abrasador, iniciaram-se as grandes cheias no Chaco.*

Romperam-se as comunicações terrestres. O grosso da cavalaria ainda estava na margem direita do rio Paraguai.

O Exército estava sem bagagem, com falta de víveres, uma vez que só os tinham levado para três dias, descalço e sem capotes.

Caxias que se encontrava na Capela de Ipané (Figs. 5 e 6), porém, tinha um trunfo precioso, os navios da Esquadra, determinou que todos os meios fôsem transportados pelo rio para Pôrto Guarda Ipané.

As comunicações foram restabelecidas pelos navios. Os feridos tinham voltado a S. Antônio e foram transportados pela Esquadra, diretamente, para a Base de Humaitá. Os monitores de pequeno calado, passaram a utilizar a antiga estrada do Chaco, a tudo atendendo com sucesso.

Restabelecidas as comunicações pelos navios, Caxias, no dia 9 de dezembro, chegou com o Exército a Pôrto Guarda Ipané, onde já se encontrava a Esquadra.

O grosso da cavalaria do Barão do Triunfo e de João Manuel Mena Barreto foi então, transportado da margem direita para a esquerda, para o Pôrto

Guarda Ipané. *O Exército foi perfeitamente abastecido neste pôrto, de víveres e munições.* Ficou, assim, em Pôrto Guarda Ipané, estabelecida nova base provisória de operações na margem esquerda.

#### 9.4 — Morte do Heróico Comandante Neto de Mendonça. Atuação dos Navios

Ainda no decisivo dia 9 de dezembro de 1868, quando o Encouraçado *Mariz e Barros* forçava rio abaixo a perigosa posição de Angustura, morreu em combate o Comandante deste navio, o heróico Neto de Mendonça.

Substituiu-o no comando o então 1º Tenente da Armada, José Cândido Guillobel, também ferido, futuro Almirante e Ministro da Marinha e pai do ilustre Almirante contemporâneo, igualmente Ministro desta, Renato de Almeida Guillobel.

Juntou, assim, a Marinha o sangue de um de seus mais dignos heróis ao derramado por tantos e gloriosos soldados do Exército, na marcha ciclópica da *Dezembrada*.

No dia 10 de dezembro, foi dado o pronto para a nova avançada.

Destarte, os dias 6, 7, 8 e 9 de dezembro foram de grande atividade para os navios da Esquadra, encarregados dos transportes de todo tipo.

#### 9.5 — A Batalha de Avaí (Fig. 5 e 6)

No dia 11 de dezembro, ao nascer do dia, Caxias parte com o Exército Brasileiro, trava e vence gloriosamente, a estupenda batalha de Avaí. Depois da vitória ocupa Villeta e manda levantar trincheiras.

É importante notar como Caxias procurava o apoio de um ponto no rio.

Na noite de 16 para 17 de dezembro os Encouraçados *Silvado* e *Lima Barros*, forçaram Angustura, descendo o rio para obter abastecimento para o Exército e a Marinha, inclusive combustível para esta força, na Base de Palmas à jusante daquela posição.

Voltaram no dia 19 do mesmo mês, trazendo o *Lima Barros* atracado a contrabordo, uma grande chata com abastecimento para quinze dias.

Enfrentaram, pois, novamente, os dois encorajados, agora rio acima, as baterias mortíferas de Angustura.

Nos dias 16 e 17 houve sondagens e choque de cavalaria.

9.6 — A Batalha de Lomas Valentinas (Ataque, Pela Retaguarda, à Linha de Piquissiri) (Fig. 5 e 6)

No dia 21 de dezembro, Caxias parte às 02,00 horas para Lomas Valentinas com um efetivo de 19 415 homens. Foi iniciado o ataque às 15,00 horas. Realmente, a chamada batalha de Lomas Valentinas, constou de um duplo ataque contra Piquissiri e Ita-Abaté. Morreram muitos oficiais de grande valor e entre eles o Coronel Albuquerque Maranhão, Comandante da 10ª Brigada de Infantaria. Triunfo foi ferido, teve que se retirar da luta.

Perdas no dia 21 de dezembro de 1868:

	Oficiais	Praças
Mortos .....	8	149
Feridos .....	56	927
Contusos .....	21	81
Extraviados ...	0	70
	—	—
	85	1 227

Total 1 312 homens.

A vitória coube ao Brasil e seus aliados, o Paraguai perdeu cerca de 8 000 homens (mortos, feridos ou prisioneiros).

O Exército de Lopez contava com cerca de 13 000 homens, porém lutava em suas fortificações dispostos, assim:

700 em Angustura;  
2 500 em Piquissiri;  
9 300 a 9 800 em Ita-Ibaté.

De 21 para 22 a luta continua, vários contra-ataques inimigos são repelidos.

No dia 22, Caxias determina que viessem de Humaitá mais 2 000 homens.

No dia 23 foi feito um reconhecimento.

No dia 24, Caxias, Gelly Yobes (argentino) e Castro (uruguaio) enviam um *ultimatum* a Lopez para que se rendesse, em doze horas, o que foi recusado.

No dia 25, bombardeio contra Ita-Ibaté, choque de cavalaria.

No dia 26, chegam os reforços para o Brasil, vindos de Humaitá.

9.7 — A Batalha de Ita-Ibaté (Fig. 5 e 6)

No dia 27, novo ataque a Ita-Ibaté.

Trava-se a batalha do mesmo nome.

Vitória de grande importância para as nossas armas. Lopez foge para Cerro León. Completo aniquilamento da linha de Piquissiri.

9.8 — Rendição de Angustura

No dia 28, Caxias intima Angustura, comandada pelo inglês Jorge Thompson e por Lucas Carillo, a render-se.

No dia 29, repellido o *ultimatum*, Caxias resolve atacar Angustura tendo, porém, prorrogado o prazo estabelecido. No dia 30, antes mesmo do primeiro assalto, Angustura rendeu-se. Nosso generoso Comandante-em-Chefe concedeu honras militares aos vencidos.

Terminou, assim, a gloriosa *Dezembrada* que, mais uma vez, demonstrou de maneira decisiva e insofismável o valor do grande povo brasileiro e de seus chefes.

9.9 — Conseqüência Imediata — Ocupação de Assunção

Em 31 de dezembro, Caxias vitorioso volta a Villeta com o grosso do Exército. Por sua ordem, uma força constituída por navios da Esquadra e por um destacamento comandado pelo Coronel Hermes da Fonseca, composto de 1 700 homens do Exército, partiu de Villeta. Este destacamento, transportado e apoiado pelos navios, desembarcou e ocupou Assunção, então guarnecida por cem a duzentos soldados que não ofereceram resistência e fugiram à aproximação dos brasileiros.

No dia 3 de janeiro o Exército partiu para Assunção, por terra. O grosso atingiu, com Caxias, a capital, no dia 5. O Coronel Vasco Alves ficou em Luque, fazendo uma cobertura com a cavalaria, a Assunção.

## 10. COMENTÁRIOS SOBRE A DEZEMBADA

### 10.1 — *Lopez como General na Dezembrada, Segundo o General Tasso Fragoso*

(4º volume — G. da T. A., pág. 170)

“Quanto a Lopez, a sua atitude é documento incontestável de sua incapacidade como general. Sem dúvida merece francos aplausos a sua primeira idéia de organizar-se defensivamente na margem direita do Piquissiri. Mas, ao ter indícios de que não iríamos acometer de frente, por que não se opôs com vigor à nossa travessia no Chaco?”

Quando desembarcamos em Santo Antônio, na margem esquerda do Paraguai, e lhe criamos uma nova situação estratégica, cumpria-lhe enfrentá-la sem demora, tomando decisão adequada. A única cabível seria esperar-nos em posição conveniente, numa atitude defensiva, a fim de compensar com o terreno a sua inferioridade numérica. Compreende-se que nos disputasse com uma vanguarda o passo de Itororó, para gastar-nos pelo atrito e ganhar tempo. Porém a batalha do Avaí, em campo aberto e com uma fração do seu exército, já não encontra justificação.

Foi um sacrifício inútil. Destarte o chefe paraguaio viu-se batido por partes antes do reencontro final. Nesse derradeiro lance faltou-lhe visão e energia para renunciar à sua dilatada linha de trincheiras, cujo traçado já agora lhe não convinha, e limitar-se a uma única posição onde concentrasse todos os seus elementos.

Em que ponto, ou pelo menos, em que região deveria ele esperar-nos para a batalha defensiva? É difícil dizê-lo hoje, sobretudo por falta de boas cartas topo-

gráficas do terreno. O melhor ponto seria, evidentemente, o que lhe permitisse, em caso de insucesso, recuar com vantagem para o lado da Cordilheira.

Admite-se, sem embargo, que nos aguardasse na coxilha de Ita-Ibaté, mas se nela reunisse todo o seu Exército. Assim talvez lhe fôsse permitido, depois da batalha de 27, recuar para leste em melhores condições do que o fez, isto é, batendo-se em retirada à testa de um núcleo de forças e não em fuga desabalada com um pequeno grupo de subordinados obedientes e fiéis. Como não procedemos consoante ele esperava, isto é, como não acometemos do sul do Piquissiri para o norte, sentiu-se desorientado em face da nova situação e aguardou impassível o seu destino, sem nenhuma compaixão pelos que o cercavam. A falta de gênio guerreiro deixou-o entregue ao domínio exclusivo de sua natureza sangüinária e fatalista.”

### 10.2 — *A Participação da Marinha na Dezembrada Segundo o Barão de Jaceguai*

(Pág. 540 — De Aspirante a Almirante)

“Nas manobras e combates ao norte da linha de Piquissiri no correr do mês de dezembro a parte que coube à Esquadra foi a de impedir qualquer movimento do inimigo nas proximidades da margem do rio e de impor com os Exércitos Aliados vencedores a capitulação do Forte de Angustura, no dia 30. Ela fôra, porém, o instrumento sem o qual teria sido inexequível o grande movimento envolvente das posições do inimigo, e subsidiariamente ela preencheu, com o seu imenso material flutuante, tão eficazmente como teriam preenchido largas e sólidas pontes sobre o rio Paraguai, abaixo e acima de Angustura, o serviço inestimável de transportar com rapidez e segurança as tropas, as cavalhadas, a artilharia, o trem, os abastecimentos de víveres e munições, e, finalmente os milhares de feridos em sucessivos combates para os hospitais flutuantes e os estabelecimentos da nossa base de operações em Humaitá. Exorbitaria do assunto desta memória reseñar, mesmo sumariamente, os feitos

heróicos praticados pelos Exércites Aliados conduzidos pelo velho Marquês de Caxias, na prodigiosa campanha do mês de dezembro, terminada pelo completo aniquilamento do último baluarte do Paraguai e dos destroços das legiões de fanáticos que sustentavam o poder de um dos tiranos mais cruéis que jamais existiram.”

10.3 — *A Opinião do Visconde de Ouro Preto Sobre o Transporte de Tropas para Santo Antônio e Porto Ipané*

“O modo como foi desempenhado êsse serviço sem um abalroamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer e tudo isso com verdadeira surpresa do inimigo — faz honra à perícia de quem o dirigiu e executou. Pode o Brasil orgulhar-se da sua Marinha de Guerra, tanto pelo valor nos combates, como pela superioridade profissional na satisfação dos vários e difíceis encargos que a guerra exigia.”

10.4 — *Palavras do Duque de Caxias sobre a Marinha e a Coordenação com o Exército. Trecho da Ordem-do-Dia Nº 272, de 15-1-1870*

“Pede a justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exmos. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe-de-Divisão Barão da Passagem, e bem assim a todos os chefes, comandantes, oficiais e praças da Esquadra Imperial, pelos relevantíssimos serviços que sempre prestaram desde que tive a honra de assumir o comando-em-chefe de tôdas as forças brasileiras, pelo zêlo, inteligência, boa vontade, abnegação, com que constantemente me coadjuvaram, e pelos testemunhos que nunca deixaram de dar de consideração e estima à minha individualidade.

*Se o Exército sempre se orgulhou em ter por auxiliar a intrépida Esquadra Imperial, não é menos certo que esta, por seu procedimento e bravura, sempre se mostrou digna de ter por auxiliar o valente Exército do seu país.”*

11. INFELIZMENTE A GUERRA CONTINUOU

Contrariando a impressão otimista esposada por muitos de que a guerra estaria terminada, com a entrada das forças aliadas em Assunção, meses depois ela recrudesceria. Não obstante ter sido muitíssimo enfraquecido com a *Dezembrada*, Lopez surgiria nas cordilheiras, oferecendo-nos uma guerra de desespero que só terminaria com sua morte, em Cerro-Corá, no arroio Aquidaban, em 1º de março de 1870, portanto, um ano e dois meses depois da gloriosa arrancada de dezembro de 1868.

Foi uma dura campanha, essa parte final da guerra e, hoje podemos perfeitamente avaliar o esforço que exigiu de nosso Exército a vitória sobre um caudilho obstinado disposto a tudo, seguido por cerca de 10 000 partidários, em montanhas cobertas de florestas.

Com a retirada do Teatro de Operações por grave doença do Duque de Caxias, coube ao Marechal Gastão de Orleans, Conde d’Eu, comandar a parte final da campanha. Mais uma vez, o Brasil teve sorte. Não obstante sua mocidade, o nôvo Comandante-em-Chefe, fôra excepcionalmente preparado, quer tencnicamente. quer na prática, para conduzir a difícil campanha irregular das cordilheiras.

Ouando servindo em Marrocos, no Riff no Exército Espanhol, tomou parte na guerra contra os mouros. Posteriormente recebeu por sugestão de seu pai, o Duque de Nemours, então exilado na Inglaterra, e por ordem do Rei da Espanha. instrução aprimorada na Escola de Artilharia de Segóvia. Além disso, era sobrinho do Duque d’Aumale que comandou o Exército Francês na campanha irregularíssima da conquista da Argélia, onde toda tática dessa grande organização militar foi mudada.

Foi, pois, o homem certo para o lugar exato.

Posteriormente, foi Gastão de Orleans atingido por uma série de intrigas, como consequência da paixão política e, assim desfigurado perante as futuras gerações brasileiras.

Enquanto isso, os norte-americanos glorificam o General Von Steuben, alemão, muito justamente, pelos serviços prestados na Guerra da Independência.

Devemos, outrossim, ressaltar ao terminarmos este estudo, a atitude exemplar dos veteranos e valorosos chefes de nosso Exército e da Marinha, que com dedicação extraordinária ao Brasil, auxiliaram o jovem Comandante-em-Chefe a encerrar a guerra.

E, entre eles, com um destaque especial, o lendário Osório, que voltou dos campos de batalha, já bastante doente.

## ANEXO

### O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA MARINHA NA GUERRA DO PARAGUAI

De maneira alguma esta nota pretende abarcar tôdas as atividades do Serviço de Intendência na guerra que ora estudamos.

Trata-se de uma breve notícia, simplesmente, sobre a sua instalação no Teatro da Guerra.

Até então, não havia, a rigor, um Serviço de Intendência na Marinha. Havia os executores, havia determinadas repartições de fazenda, porém, o verdadeiro Serviço como o entendemos hoje, foi instituído inicialmente em Buenos Aires, depois em Montevidéu, como sede, o que é importantíssimo, para apoiar as forças em operação no Paraguai.

Deve-se à iniciativa do Ministro da Marinha de então, o Visconde de Ouro Preto, Affonso Celso de Assis Figueiredo, o extraordinário estadista. É interessante notar sempre como a logística surge nas horas difíceis.

*Os Atos que Criaram o Serviço de Intendência da Marinha no Teatro de Guerra*

DECRETO Nº 3 710 — DE 6 DE OUTUBRO DE 1866

*Cria uma Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata.*

Considerando a conveniência de reunir, em um centro comum, todo o ser-

viço de fiscalização, compras e pagamentos da Esquadra em operações contra o Paraguai, porque daí resultará não só economia dos dinheiros públicos, mas também maior regularidade e método do mesmo serviço;

Considerando, além disso, que a atenção do Vice-Almirante Comandante-em-Chefe, não deve ser distraída dos importantíssimos trabalhos da guerra, por cuidados de administração, principalmente quando a maior parte dos negócios se tem de resolver à grande distância do lugar em que ele se acha;

Hei por bem criar uma Repartição especial, tendo a sua sede em Buenos Aires, a qual se denominará *Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata* e se regulará pelas Instruções que com este baixam.

Affonso Celso de Assis Figueiredo, do Meu Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em seis de outubro de mil oitocentos e sessenta e seis, quadragésimo quinto da Independência e do Império.

Com a Rubrica de Sua Majestade o Imperador.

Affonso Celso de Assis Figueiredo.

### INSTRUÇÕES PARA A REPARTIÇÃO FISCAL E PAGADORIA DA MARINHA NO RIO DA PRATA

Art. 1º — A Repartição Fiscal e Pagadoria da Marinha no Rio da Prata será composta do seguinte pessoal:

- Um chefe fiscal;
- Um ajudante do dito.
- Dois escriturários
- Um almoxarife pagador
- Um encarregado dos depósitos em Montevidéu
- Um escrivão do dito
- Um comissário pagador da Esquadra
- Um escrivão do dito.

Art. 2º — Esta repartição funcionará em Buenos Aires, e ser-lhe-ão subordinadas tôdas as repartições de fazenda, depósitos de material da Armada, agên-

cias fiscais, pagadorias e outras estações criadas, ou que se houver de criar, para o serviço da Esquadra em operações no rio Paraguai.

Corresponder-se-á por intermédio de seu chefe, com o Ministro da Marinha, ao qual é diretamente subordinada.

Art. 3º — É da competência e especial atribuição da repartição fiscal tudo quanto diz respeito a pagamento e fiscalização da despesa, suprimento de fundos, aquisição e remessa do material necessário para suprimento dos navios da Esquadra, hospitais e outros estabelecimentos de Marinha nos rios da Prata e Paraguai.

No desempenho destes deveres guiar-se-á pela legislação relativa a esse ramo de serviço, e, especialmente, pelo que dispõe o regulamento nº 4, de 8 de janeiro de 1838, e decretos nº 1 739, de 26 de março de 1856, e nº 1 769, de 16 de junho de 1856, de acôrdo e em harmonia com as presentes instruções.

Art. 4º — Todos os saques para pagamento de despesas, quer da Esquadra, quer dos estabelecimentos de Marinha, serão feitos exclusivamente pela repartição fiscal, guardando-se, na sua negociação, escriuração de letras, e quantias delas provenientes, as disposições em vigor, e fórmulas que o chefe fiscal julgar conveniente prescrever, a fim de conhecer-se, com facilidade e clareza não só a importância total de tais saques, mas ainda a sua aplicação.

Art. 5º — A fim de evitar os inconvenientes resultantes de compras urgentes, a repartição fiscal procurará com a necessária antecedência, predispor o material de que possa carecer a Esquadra em um tempo determinado, já requisitando desta Côrte, já contratando o seu fornecimento nas praças de Buenos Aires e Montevidéu, como lhe parecer mais vantajoso à fazenda pública, já, finalmente, criando depósitos de víveres, munições, etc., ou aumentando os existentes nos pontos que julgar mais convenientes, de modo que nunca falem à mesma Esquadra os recursos indispensáveis.

§ 1º Para bem cumprir a disposição antecedente, o chefe fiscal solicitará, em tempo, do Vice-Almirante Comandante-

em-Chefe da Esquadra, as precisas informações e esclarecimentos.

Art. 6º — Incumbe à mesma repartição:

§ 1º Satisfazer às requisições que lhe forem feitas pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, comandantes de divisões e navios de guerra, e chefes de estabelecimentos, que se não opuserem às leis e ordens em vigor.

§ 2º Remeter regularmente à Pagadoria da Esquadra o numerário preciso à satisfação das respectivas despesas, de modo que nunca lhe falem os meios para pagar, em dia, principalmente os soldos e mais vencimentos do pessoal da mesma Esquadra.

§ 3º Ajustar as contas dos oficiais e praças da Armada que tiverem de retirar para a Côrte passando-lhe as competentes guias.

§ 4º Remeter à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, nos primeiros dias de cada mês, o balanço das operações da Pagadoria no mês antecedente, acompanhado de uma das vias dos documentos da despesa efetuada no mesmo período.

§ 5º Regularizar a escrituração dos diferentes depósitos, inventariando o material nêles existente, e carregando-o em receita aos respectivos responsáveis.

Art. 7º — A Pagadoria da Esquadra será filial da de Buenos Aires, e subordinada ao chefe da repartição fiscal, com quem diretamente se entenderá, sujeitando a sua correspondência ao visto do Comandante-em-Chefe.

§ 1º Regular-se-á, no desempenho dos seus deveres, pelas Instruções mandadas observar por Aviso de 13 de outubro de 1864.

Art. 8º — Incumbe-lhe especialmente:

§ 1º Satisfazer a tôdas as despesas ordenadas pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, podendo representar a este respeito daquelas cuja legalidade lhe oferecer dúvida, devendo, no caso de insistência, pagá-las, comunicando o ocorrido à repartição fiscal.

§ 2º Remeter nos primeiros dias de cada mês, à dita repartição fiscal não só o orçamento da despesa a pagar no mês futuro, mas, ainda um balanço das suas

operações no anterior, acompanhado das demonstrações e 2<sup>as</sup> vias de documentos a que se referem os arts. 8<sup>o</sup>, 9<sup>o</sup> e 10 das Instruções de 13 de outubro de 1864, que, depois de ali convenientemente examinados e classificados, serão transmitidos à Secretaria da Marinha.

Art. 9<sup>o</sup> — Quando as remessas feitas pela Pagadoria de Buenos Aires forem insuficientes para despesa a pagar pela da Esquadra, poderá esta, precedendo ordem do Comandante-em-Chefe, sacar sôbre aquela, devendo conjuntamente com o ofício de comunicação de tais saques, remeter o balancete de que trata o Aviso de 10 de novembro de 1860.

Art. 10 — As quantias recebidas pelo comissário pagador da Esquadra, para o serviço da repartição a seu cargo, serão recolhidas a um cofre com as formalidades e cautelas em uso na Armada.

Art. 11 — São atribuições do chefe da Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata:

§ 1<sup>o</sup> Cumprir e fazer cumprir pelos empregados sob sua dependência as leis e regulamentos de Marinha, concernentes à escrituração, contabilidade e fiscalização da despesa; arrecadação e distribuição do material; tomando as providências que de qualquer modo possam interessar à boa guarda e administração da fazenda da Marinha.

§ 2<sup>o</sup> Resolver sôbre todos os negócios, cometidos à repartição fiscal, mandando efetuar as compras e lavrar os contratos para o fornecimento do material e suprimento de fundos necessários à Esquadra.

§ 3<sup>o</sup> Ordenar, por despachos lançados nos respectivos processos, o pagamento das despesas legalmente realizadas.

§ 4<sup>o</sup> Sacar as somas precisas, tanto à Pagadoria de Buenos Aires, como à da Esquadra; assinar as respectivas letras, e fazer arrecadar e conservar em boa guarda as suas importâncias.

§ 5<sup>o</sup> Dar instruções e providências que forem essenciais ao pronto e regular andamento dos serviços que lhe são sujeitos.

§ 6<sup>o</sup> Velar na fiel execução dos contratos, impondo aos que os transgredirem, as multas convencionadas, e deter-

minando a sua rescisão nos casos em que essa providência possa e deva ser tomada.

§ 7<sup>o</sup> Assistir, por si ou seu ajudante, ao recebimento do material comprado, verificando ou fazendo verificar por peritos de sua confiança, se os contratos foram cumpridos, não só quanto à qualidade, mas quanto à quantidade, pêsos ou medida dos gêneros, seu estado de acondicionamento, e mais condições dos mesmos contratos.

§ 8<sup>o</sup> Autorizar por despacho seu o fornecimento do material requisitado pela Esquadra e estabelecimentos de Marinha; promover a sua remessa; e fiscalizar a qualidade e quantidade na ocasião de saída.

§ 9<sup>o</sup> Ativar as remessas do material enviado desta Côrte para uso da Esquadra, providenciar sôbre o desembarque e arrecadação do que tiver fazendo proceder às necessárias conferências para reconhecer a exatidão das entregas.

§ 10. Prestar às diferentes autoridades, ou solicitar delas os esclarecimentos que forem precisos a bem do serviço.

§ 11. Propor ao Ministro da Marinha as medidas que reputar necessárias à boa marcha do serviço, e que não possam ser tomadas independente de autorização superior.

Art. 12 — O ajudante do chefe-fiscal tem por dever:

§ 1<sup>o</sup> Auxiliar a êste no desempenho de suas atribuições, coadjuvando a sua ação administrativa e fiscal, e podendo ser incumbido de fiscalizar, permanente ou acidentalmente, o serviço da Marinha em Montevidéu, e outros pontos, onde isso seja necessário.

§ 2<sup>o</sup> Substituir o referido chefe nos seus impedimentos.

§ 3<sup>o</sup> Exercer, em referência à arrecadação, escrituração e distribuição do material, as funções que na Côrte cabem ao ajudante do intendente e que forem praticáveis.

Art. 13 — Cabe ao almoxarife pagador:

§ 1<sup>o</sup> Responder pelo material que lhe fôr entregue, fazendo-o arrecadar convenientemente, zelando a sua conservação nos armazéns e depósitos, e inspe-

cionando o acondicionamento do que tiver de ser remetido para a Esquadra ou outros destinos.

§ 2º Responder igualmente pelas quantias que receber em virtude de ordens superiores para satisfação das despesas a cargo da repartição.

§ 3º Pagar as despesas autorizadas pelo chefe fiscal.

Art. 14 — Um dos escriturários servirá especialmente de escrivão do almoxarife pagador na conta de dinheiros e o outro na conta de gêneros, guiando-se pelas normas estabelecidas para a escrituração da pagadoria e almoxarifado da Marinha da Côrte. Ambos farão o serviço do expediente que lhes fôr determinado.

Art. 15 — O encarregado do depósito de Montevidéu terá sob sua guarda o material e gêneros ali existentes, e os que de futuro forem remetidos, incumbindo-lhe proceder ao fornecimento dos navios da Armada na forma das ordens que lhe forem transmitidas pelo chefe da repartição fiscal, ficando responsável pela boa conservação e pronta remessa do mesmo material e gêneros.

Art. 16 — O serviço da repartição fiscal será auxiliado no caso de necessi-

dade, por qualquer oficial de fazenda da Armada, que se ache disponível no Rio da Prata, sendo adido à dita repartição, sem prejuízo do serviço da mesma Armada.

Rio de Janeiro, em 6 de outubro de 1866.

Affonso Celso de Assis Figueiredo.

*O Serviço de Intendência e o Exército, na Guerra do Paraguai*

(Trecho do relatório de 1867 do Ministro da Guerra.)

“A fusão dos Comandos-em-Chefe dois corpos de Exército em um só, tornou necessária a extinção das repartições de fazenda existentes no teatro da guerra, e a criação de outras mais regulares, sob a direção de um intendente e sujeito à autoridade do General-em-Chefe, o que se levou a efeito pelas Instruções de 20 de outubro do ano próximo passado, que encontramos no Anexo.

*Além disso substituiu-se a repartição fiscal de Montevidéu por uma seção anexa à da Marinha.”* (O grifo é nosso).